



# ECONOMIA SOCIAL: A RIQUEZA DA DIVERSIDADE CONCEITOS E PRÁTICAS

COLÓQUIO DE ENCERRAMENTO DO PROJETO ERASMUS MUNDUS

**“Promover os Estudos e as Práticas  
de Economia Social  
e de Capital Social no Ensino Superior”**

Local **Universidade Católica Portuguesa – Porto (Pólo da Foz)**

Data **10 e 11 de setembro de 2015**

**ORGANIZAÇÃO**

ATES–Área Transversal de Economia Social da UCP-Porto  
Centro de Estudos Africanos da UP

**CONSÓRCIO DO PROJETO**

York St. John University  
Centro de Estudos Africanos da UP  
Mondragón Unibertsitatea  
Universidad Mayor de San Simón  
Universidad San Antonio Abad del Cusco

**COLABORAÇÃO**

Welcome Home





## Colóquio de encerramento do projeto

Promover os Estudos e as Práticas de Economia Social e Solidária

no Ensino Superior

10 e 11 de setembro de 2015

### 1. Tema do colóquio

Economia Social: a riqueza da diversidade. Conceitos e Práticas.

### 2. Enquadramento

A atual crise económica tornou mais visível a pluralidade de concepções e de práticas de economia, desde a economia social, à economia solidária, entre outras:

- mostrou a relevância das relações sociais no funcionamento da economia e os impactos que este tem nessas relações, dando, assim, matéria para o debate de ideias e de práticas sobre o papel que essa interacção deve ter no pensar e no agir económico;

- mostrou, também, o papel essencial da diversidade de organizações de economia social, bem como a capacidade de inovar e de empreender de quem pratica esse tipo de economia nas respostas aos problemas de exclusão social criados e agravados pelas formas de organização da atividade económica que predominam hoje, em dia.

Com poucas exceções que só confirmam a regra há muito por fazer no sentido de dar à economia social e solidária e às suas especificidades e pluralidades de sentidos a relevância que deveriam ter no ensino, na investigação e no agir em matéria económica:

- é preciso que o ensino superior considere outros modelos económicos, procurando também aqui ser o motor da construção de conhecimento e de aprendizagem da diversidade de conceitos e práticas de “outras economias”;

- é preciso que as relações sociais seja devidamente tidas em conta na análise económica, bem como os impactos que sobre elas têm o modo como a economia funciona e é gerida, principalmente em termos de desigualdades e doutros problemas sociais;

- é preciso, também, que se dê a devida atenção nos conceitos e nas práticas à especificidade e relevância das muitas e variadas formas de economia social e solidária e à capacidade dos seus agentes de inovar e de empreender na procura de novas respostas aos problemas sociais.



Este colóquio é proposto como evento de encerramento do projeto europeu *Promover os Estudos e as Práticas de Economia Social Solidária no Ensino Superior*, que envolveu as seguintes instituições: Universidade de York St. John, Reino Unido; Universidade San Antonio Abad del Cusco, Perú; Universidade Mayor de San Simon, CESU, Bolívia; Universidade de Mondragon, Espanha e o Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto.

A Universidade Católica Portuguesa (Porto), através da sua Área Transversal de Economia Social (ATES), foi uma das associadas do projeto, partilhando o seu conhecimento sobre a realidade portuguesa e sobre os conceitos debatidos ao longo da investigação.

O tema do colóquio, *Economia Social: a riqueza da diversidade. Conceitos e Práticas* surge da investigação realizada ao longo destes últimos três anos e da confirmação da diversidade de conceitos e práticas que se encontram nas diferentes áreas geográficas visitadas.

### 3. Objetivos

O colóquio pretende ser um momento de partilha de experiências, de diferentes tipos de atores interessados na procura de exemplos reais que possam ilustrar essa diversidade de conceções de práticas de economia social e solidária nas três áreas geográficas do projeto, Europa, África e América Latina:

- a. Oferecer uma oportunidade de reflexão sobre conceitos e práticas diversas na economia social e solidária;
- b. Partilhar investigações, estudos e exemplos de boas práticas nestas matérias;
- c. Apresentar as principais aprendizagens do projeto, lançando o manual de Economia Social e Solidária, que pretende dar voz à opinião e experiência dos participantes na investigação.



#### 4. Programa

Dia 10	Dia 11
<p><b>9h00</b> – Acolhimento</p> <p><b>9h30</b> – Abertura - Américo Mendes - ATES-UCP Porto (PT) - La Salette Coelho – CEAUP/ESE-IPVC (PT) - Margaret Meredith - Univ. York Saint John (RU)</p> <p><b>10h15</b> – Mesa redonda 1 – Conceitos - Américo Mendes, ATES-UCP Porto (PT) - Cristina Parente, FLUP/A3S (PT) - Leão Lopes, Atelier Mar (Cabo Verde)  . Dinamizador – Miguel Silva (CEAUP/TESE)</p> <p><b>11h30</b> – Pausa justa*</p> <p><b>12h00</b> – Debate com participantes</p>	<p><b>9h30</b> - Apresentação do Manual realizado no âmbito do projeto <b>Promover os Estudos e as Práticas de Economia Social e Solidária no Ensino Superior</b> – equipa do projeto</p> <p><b>10h30</b> – Mesa redonda 2 – Práticas - Leandro Pinto Júnior, COAJQ (Guiné-Bissau) - Ana María Villafuerte, Univ. Cusco (Peru) - Graça Rojão, CoLabora (PT) - Eduardo Graça, CASES (PT)  . Dinamizador – Filipe Pinto (ATES-UCP/ LD/ IPAV)</p> <p><b>11h30</b> – Pausa justa*</p> <p><b>12h00</b> - Debate com participantes</p>
<p><b>13 horas</b> – Almoço</p> <p><b>14h30</b> – O papel da Universidade: o caso da Área Transversal de Economia Social da UCP Porto - Américo Mendes (ATES-UCP Porto)</p> <p><b>15h00</b> - Social Lab  Empreendedorismo Social de base comunitária  - Social Angels - Maria José Afonso (Sol do Ave) e Sandrina Oliveira (C. M. Póvoa de Lanhoso) - Projeto Xipamanine - Isa Neves (FEC) &amp; Ana Rial (ATES-UCP Porto) - Cooperativa Welcome Home – Alfredo Figueiredo Costa e Andreia Valente - Projeto ORIENTA-TE, da TESE e outros parceiros em Cascais – Helena Gata (TESE) - Projetos do Atelier Mar, em Cabo Verde – Leão Lopes</p>	<p><b>13 horas</b> – Almoço</p> <p><b>14h30</b> – Social Lab  Empreendedorismo Social de base comunitária  - Idearia - Graça Rojão (CoLabora) - Projeto Okupenda dos Leigos para o Desenvolvimento, em Benguela - Projetos da América Latina – Ana María Villafuerte - Laboratório do Erro - Ana Rial e Inês Vouga (InComunidade) - Projetos da COAJQ, na Guiné-Bissau – Leandro Pinto Júnior  * - Justa porque servida com produtos oriundos do Comércio Justo (Associação Reviravolta)</p>
<p><b>17h30</b> – Encerramento do 1º dia</p>	<p><b>17h30</b> – Encerramento oficial do Colóquio</p>



## 5. Apresentações

### Dia 10 de setembro

#### MANHÃ

##### ABERTURA

A **abertura** do colóquio foi feita por Américo Mendes (ATES-UCP Porto), La Salette Coelho (CEAUP | ESE-IPVC) e Margaret Meredith (Universidade de York Saint John).

**Américo Mendes** referiu que esperava que o colóquio fosse um espaço de encontro de perspetivas sobre o tema, uma vez que considera não haver vias nem pensamento únicos. Referiu que a importância do tema e a existência de pessoas com muito conhecimento sobre o mesmo fizeram com que mantivesse a vontade de concretizar o colóquio e lançou o desafio de que ficasse agendado no final do 2.º dia uma data e um local para a realização de um próximo encontro.

**La Salette Coelho** começou a sua intervenção mencionando o facto de o curso de mestrado em Economia Social, que fez na UCP Porto, lhe ter servido de rampa de lançamento para novos projetos, como este.

Enquanto representante do CEAUP, referiu que este projeto abriu a área de atuação do Centro, abrindo-a para a área das Economias Alternativas e dando voz a muitos esquecidos como, p. e., países da América Latina e de África. Este projeto conta com a colaboração de várias áreas geográficas (Reino Unido, Perú, Bolívia, Espanha e Portugal) e é um projeto transformador na medida em que apresenta práticas de economia popular/comunitária existentes há muitos anos mas que muitas vezes não veem reconhecida a sua importância ou não são estudadas.

Enquanto investigadora mencionou, também, a riqueza que este projeto lhe trouxe a nível pessoal, permitindo a continuidade de estudos na área em que tem grande comprometimento pessoal no sentido de mostrar que existem outras alternativas/outros caminhos.



Chamou a atenção para os desafios que enfrentaram ao longo do projeto e que têm a ver com:

- a distância entre os países envolvidos;
- a falta de literatura, principalmente nalgumas regiões – sobre África, e de autores africanos, existe pouca literatura porque estes conceitos não estão muito estudados;
- encontrar uma linguagem comum (que se adaptasse, também, às realidades locais);
- a procura no terreno – há muitas práticas existentes na América Latina ou em África que não são conhecidas e o projeto permitiu a deslocação a vários locais para entrevistas e para perceber essas práticas. Nessa procura no terreno, foi importante perceber que se encontram consciências críticas, valorizando-se as práticas locais alternativas e não o dinheiro.

No final da sua intervenção, lembrou que o conceito de Economia Social nasceu na Europa e que o de Economia Solidária surge da América Latina. Deixou uma questão: havendo ainda tanto para estudar no continente africano, que conceitos novos poderão surgir deste continente?

**Margaret Meredith**, representante da *York Saint John University*, entidade líder do projeto, lembrou que a universidade tem raízes na igreja anglicana e, como tal, é comprometida com a igualdade de oportunidades. Realçou a importância da ligação entre a comunidade e a universidade, sendo este projeto um grande desafio para a instituição. Este projeto representa o questionamento do papel da Educação Superior no mundo, especialmente, num momento de crise e de crise de valores.



## MESA REDONDA 1 – CONCEITOS

**Participantes:** Américo Mendes (ATES-UCP Porto); Cristina Parente (FLUP | A3S); Leão Lopes (Atelier Mar – Cabo Verde).

**Dinamizador:** Miguel Silva (CEAUP | TESE)

Na abertura da mesa redonda, **Miguel Silva**, referiu que os conceitos nascem a partir das práticas e que acontecem, no mundo, muitas práticas sem reflexões teóricas, concetuais, por trás – o que é a grande força desta área.

Propôs que o público, no intervalo, escrevesse perguntas para os convidados e que cada um deles se apresentasse.

**Cristina Parente** congratulou o projeto e a representação de diversos países e a aprendizagem mútua que esse facto pode representar.

Apresentou-se como académica e como “praticante” através da A3S, da qual foi fundadora e é ativista. Trabalha a temática desde 2006 quer na América Latina quer na Europa. O assunto é emergente e a universidade tem o dever de desmistificar o significado da Economia Social e Solidária (ESS). A ESS é a atitude “subversiva” à economia capitalista.

**Leão Lopes** apresentou o seu agradecimento por representar a *Atelier Mar* (que tem 35 anos e onde está desde a sua fundação). Vem da área das artes e a economia entrou na sua vida por entrar na vida de cada um para se poderem gerir as coisas.

A *Atelier Mar* trabalha com as comunidades em Cabo Verde. O estudo da economia e a interpretação de conceitos foram feitos a partir da realidade das comunidades, usando recursos e experiências da economia informal. As comunidades, na sua tradição, tinham muitos saberes de economia, mesmo não sabendo que se chamavam de economia solidária.

Entende o conceito de economia solidária como “economia em rede” para o adaptar mais à realidade de Cabo Verde. Muitas vezes, “solidário” está conotado com a caridade norte/sul. No seu contexto, o conceito de pobreza e solidariedade tem contornos diferentes. Afirma que Cabo



Verde já não existiria se não houvesse uma ideia de solidariedade na prática quotidiana; se cada um vivesse isolado não teriam sobrevivido.

**Américo Mendes** – apresentou-se como coordenador da ATES (Área Transversal de Economia Social) da UCP Porto. É economista de formação mas não se sente muito representativo da área. Tem uma ligação à área da economia social desde sempre, que lhe foi passada pelo testemunho dos pais, e tenta relacionar a prática fora da universidade com o seu trabalho dentro da mesma.

**Miguel Silva – Américo Mendes:** Como nasce a Economia Social e quais são os seus propósitos iniciais?

**Américo Mendes:** Na sua génese, surgiu em resultado da resposta de trabalhadores à economia capitalista que os colocava em situações precárias. Surgiram cooperativas, mutualidades com pessoas e comunidades onde funcionava a solidariedade e onde não havia apoio do Estado, para prover bens e serviços para suprir necessidades mas, também, como projeto político de formas democráticas e não autoritárias de combate às formas capitalistas.

Por sua vez, a Economia Solidária tenta responder a falhas na Economia Social; p. e., não responder apenas às exigências/problemas do mercado.

**Miguel Silva – Cristina Parente:** Concorda com a paternidade da Economia Solidária em relação à Economia Social? É uma tentativa de regresso à Economia Social? Ligada a uma região? À América Latina?

**Cristina Parente:** A bibliografia refere como facto fundador da Economia Social o nascimento de cooperativas como resposta a problemas dos trabalhadores no século XVIII. O Estado e o mercado fogem da resposta social e há um setor que emerge e que toma conta daquilo que as pessoas precisam.

Há investigadores que questionam se a economia solidária é um braço da economia social ou vice-versa? A resposta depende da localização do investigador, porque as palavras têm significado territorial.

A economia social foi reavivada na América Latina e países periféricos da Europa. Numa época de desemprego e carências fortes surge como alternativa ao mercado.

A economia solidária apresenta-se como um projeto alternativo a nível económico, cultural e social.



**Miguel Silva – Leão Lopes:** A Economia Solidária é uma temática que lhe lembraria assistencialismo e, como tal, falou-nos de economia em rede. Então, o que entende por isso? E qual a sua importância?

**Leão Lopes** referiu que não lida bem com terminologias mas sim com ações. No entanto, como também é académico, recorre aos conceitos para transmitir práticas aos colegas. Economia é economia mas pode encontrar várias formas para se instalar. Na produção, economia está em todos os ciclos até o produto chegar ao consumidor. Nas comunidades era preciso clarificar o que já se fazia há séculos (os circuitos de todos os produtos), foram recuperar um certo modelo de cooperativa. Foi uma iniciativa política, ideológica e não correu bem. Foram buscar a noção de cooperativismo, a nível académico, adaptando-a e criando uma cooperativa de produtores em rede solidária. Percebeu-se que a ideia de rede resultou mais facilmente nos produtores e nos agentes dessa economia. No *crioulo* “economia” não existe. Tiveram que encontrar formas para a prática se incluir no quotidiano, para dialogar, para acompanhar o conhecimento que se produz fora para as comunidades.

**Miguel Silva – Américo Mendes:** Comentar a relação entre o Estado (que está a terceirizar os problemas sociais) e a Economia Social.

**Américo Mendes:** A Economia Solidária aparece-nos como “quimicamente pura” em relação à economia e à economia social. No entanto, não existem coisas “quimicamente puras”. Não se deve partir do ponto de que surgiu para corrigir os erros da economia social.

Há 5 sentidos da economia social:

- 1) Fazer lembrar que a economia é feita de pessoas e relações entre elas e que cada uma tem valores diferentes e que não se deve perder isso de vista;
- 2) Chamar “economia social” a um setor da economia formado por organizações sociais;
- 3) Ir à disciplina de economia e perceber que conceitos nos ajudam a entender os problemas sociais (desemprego, envelhecimento populacional...);
- 4) A economia social como sendo o estudo do Estado Social;
- 5) A economia social como sendo o estudo dos processos de inovação e empreendedorismo social.

As organizações de economia social e o Estado Social surgem para responder a problemas que a economia capitalista não consegue; surgem para que haja mais coesão social, melhor ambiente, conservação de património cultural, etc., o que exige respostas coletivas e não individuais.



Os bens públicos são essenciais mas não geram lucro. Então, voluntariamente, todos deveríamos contribuir para eles. Há quem contribua e quem não; logo, somos todos obrigados a contribuir através do Estado (p. e., através de financiamento público no caso das organizações de economia social).

**Miguel Silva – Cristina Parente:** Comentário sobre a ligação entre o Estado e as organizações de Economia Social e as empresas privadas.

**Cristina Parente:** Com o Estado, o que seria interessante era que a Economia Social e Solidária fosse uma política pública. Indo ao encontro do que disse o professor Américo, somos todos precisos. Ambos têm de estar mobilizados, em parceria, implicando que o Estado não seja apenas financiador e regulador, ouvindo as organizações da economia social. O Estado é o *stakeholder* mais importante mas não tem noção das diferentes realidades, especificidades e necessidades (p. e., as diferenças entre litoral/interior; norte/sul). Põe-se em questão o princípio do atuar “com e para”.

Seriam importantes políticas que incentivem a economia social e solidária. P. e., políticas de discriminação positiva para projetos de empreendedorismo social; para haver reinvestimento na sociedade – numa perspetiva sinérgica da relação entre o estado e as organizações.

Relação com as empresas – Há uma vertente da economia social e solidária que recusa apoio das empresas. Existem falácias, como, p. e., utilizar a responsabilidade social para marketing. No entanto, não se deve recusar o apoio das empresas.

**Miguel Silva – Leão Lopes:** Que relação há entre o Estado e a Economia em Rede?

**Leão Lopes:** Em 2005, em Cabo Verde, tentaram passar o conceito de economia solidária (passada por teóricos como Roque Amaro); com um folheto onde perguntavam “A quem interessa este tipo de economia?”.

Em Cabo Verde, muito timidamente, os políticos começaram a falar em economia social e solidária mas com o perigo de a enquadrar em modelos que a podem pôr em causa, formalizando-a com modelos que não são apropriados como, p. e., o sistema de taxas e impostos.

**Miguel Silva – Américo Mendes:** Porque é que a economia social e solidária não está nas políticas públicas?

**Américo Mendes:** Dividiu Portugal em dois capítulos:



- 1) Portugal nasceu por um ato de centralização de poder político. Estando na gênese da prática fica até aos dias de hoje. O Estado financia e toma decisões por quem está no terreno (as organizações); é o poder da administração pública.
- 2) “Portugal à beira mar plantado”: temos a sorte de estarmos bem localizados. Os países que, habitualmente, sofrem catástrofes naturais tiveram que se organizar coletivamente. Nós não temos essa capacidade muito desenvolvida. Normalmente, somos mais individualistas.

## INTERVALO

Questões colocadas pelo público e selecionadas por Miguel Silva

### 1) Como se pode evitar a demissão do Estado Social e se promove uma relação melhor entre o Estado e as organizações de economia social e solidária?

**Leão Lopes:** Em Cabo Verde existe uma ameaça que é a tendência centralizadora do Estado. Estão a conseguir livrar-se da ideia de que o estado tem de controlar tudo, a economia, em vez de catalisar iniciativas locais. O suporte da economia em Cabo Verde é a economia informal. Não há políticas para trabalhar essa realidade.

A questão da economia popular/informal ainda é vista no meio académico apenas com curiosidade e não como caminho a construir a nível de políticas.

Tem de se responsabilizar o Estado sem conspurcar o caminho da economia. Em Cabo Verde importam-se/utilizam-se muitos modelos/medidas políticas que não dão os resultados esperados. P. e., a introdução do “agronegócio”, substituindo a economia agrária tradicional. Isso está a gerar conflito entre o papel do Estado e esse modelo de economia a partir de um património que se herdou da economia de subsistência. É preciso que o Estado faça parte mas respondendo e interpretando a realidade de cabo Verde.

### 2) A Economia Social tem pecados: quais são e que consequências podem ter quando procuramos combater a hegemonia desse modelo?

**Américo Mendes:** Um deles (pecados) relaciona-se com a perda de democracia nos modelos de cooperativas e mutualidades e o demasiado comprometimento com o Estado e com empresas com fins lucrativos.



A solidariedade tem a ver com tornar a sociedade mais sólida: mais e melhor relação entre organizações e pessoas.

Para combater a demissão do estado social precisamos de ter mais organizações de solidariedade social, com uma democracia participativa. O reforço da democracia participativa atribui-se aos meios de comunicação social, com o risco de incorreções, enviesamentos, etc. O primeiro e principal passo tem de partir da sociedade civil – sendo mais fortes, mais participativos teremos melhores políticas.

### 3) O empreendedorismo social poderia não fazer parte da economia social e solidária. Há um empreendedorismo mais individualizado ou mais coletivo?

**Cristina Parente:** Há muitos entendimentos do conceito de empreendedorismo.

Os americanos tiveram a ideia de aplicar o empreendedorismo às organizações da sociedade civil.

O empreendedorismo social tem que ver com processos de gestão de recursos escassos e de inovação em organizações de economia social e solidária. Portanto, estarão ligados.

As organizações sem fins lucrativos adotam ferramentas de gestão empresarial da economia capitalista, p. e., o planeamento estratégico. Isto pode ser fundamental, dependendo do tipo de organização; têm de ser utilizados de forma a se preservar a ideologia e os valores de cada organização.

As ferramentas (de gestão empresarial) são formas para se atingirem objetivos mas os valores e a ideologia de cada organização são essenciais.

**Américo Mendes:** O empreendedorismo social existe desde sempre. Mas o que se ouve com frequência é que é um conceito recente. Os projetos de empreendedorismo social empenham-se em resolver questões mas têm de ser implicadas as pessoas. Podem ser feitos também com empresas com fins lucrativos.

### 4) O apoio que as organizações da economia social e solidária prestam pode ser um entrave ao próprio desenvolvimento das comunidades? Podem as comunidades perder competitividade?

**Américo Mendes:** Se forem projetos na linha do que deve ser uma organização de economia social e solidária, contribuindo para dar mais economia às pessoas locais, são bem-vindos. Depende do



que são os projetos: como são desenhados e implementados. Não esquecer também a solidariedade com o meio ambiente.

##### 5) Que ligação há entre economia social e solidária e direitos humanos?

**Leão Lopes:** Os direitos humanos são universais? Na prática não são. É um desafio para a humanidade validar esses direitos humanos. Numa perspetiva justa, equilibrada, harmónica, estão sempre presentes estes desafios na consolidação da solidariedade entre as comunidades.

Os projetos que vêm de fora podem pôr em causa os direitos humanos. Depende da dimensão do projeto.

Na sua experiência, iniciativas individuais podem ter impactos muito interessantes no desenvolvimento das comunidades.

##### 6) O que é que a Universidade pode fazer para criar um ambiente favorável às áreas da economia social e solidária e como é que isso se pode concretizar?

**Cristina Parente:** Representa um desafio enorme, principalmente, para as áreas de uma economia mais dura. Se há áreas que ideologicamente estão melhor preparadas (humanidades) têm um lado mais fraco no campo da gestão. Do lado oposto (economia) há uma insensibilidade maior para estas questões – porque se prendem à estatística. É fundamental aproveitar estes dois lados, e é importante ensinar as economias alternativas para despertar nas novas gerações a sensibilidade para estas áreas.

Espera-se que a universidade tenha um papel promotor mas seria importante partilhar valores como partilhar, cooperar nas escolas; dando importância a afetos e emoções. O trabalho será mais fácil com alunos do que com professores.

##### 7) O que diferencia a Universidade Tradicional?

**Leão Lopes:** Surgiu a necessidade de criar uma instituição decorrente do trabalho da *Atelier Mar*, pondo conhecimento e práticas à disposição da comunidade onde se insere. Funciona, essencialmente, nos domínios da arte, tecnologia e cultura. É uma escola privada, que teve de responder às leis prevista para esse tipo de equipamento mas onde, internamente, se “pervertem” essas leis através da implementação do currículo. Os estudos são feitos entre os professores e os estudantes, reportando-se às comunidades para dar resposta aos seus



problemas. É uma escola experimental que leva as práticas para a comunidade, trabalha-se o conceito e procuram-se soluções.

#### 8) Qual a missão da Católica nesta área?

**Américo Mendes:** A Universidade tem de fazer o que lhe compete: formação e investigação. Colocar a temática nos currículos; proporcionar outro tipo de formações.

Há um esforço para fazer mais. P. e., estar no terreno; apoiar a incubação de empresas; estar na vertente da cooperação para o desenvolvimento; produzir informação sobre esta realidade; mobilizar alunos e profissionais para contribuírem para estas causas, p. e., através de voluntariado.

Outras questões colocadas (não respondidas por falta de tempo):

Consequências da fricção entre economia social e solidária e economia social?

Estas tipologias de economia estão confinadas a ser uma economia de pobres e restritas ao 1.º setor?



## TARDE

### O PAPEL DA UNIVERSIDADE: O CASO DA ÁREA TRANSVERSAL DE ECONOMIA SOCIAL DA UCP PORTO

Limitações: Carga horária dos docentes; financiamento;

Forças: empenho dos docentes e alunos de mestrado.

Questões:

1) Como se gere a transversalidade da equipa com que se trabalha?

A economia social tem de ser praticada dando importância à dimensão humana, o que requer uma conjugação de saberes. Participam docentes de mais de uma instituição (até porque o trabalho na área necessita da colaboração de colegas de várias áreas).

2) Que desafios nessa transversalidade?

Não é fácil. São necessários instrumentos de apoio. A ATES depende diretamente da presidência da universidade e, como tal, o poder de decisão está centralizado, o que, neste caso, é facilitador.



## EMPREENDEDORISMO SOCIAL DE BASE COMUNITÁRIA

### Social Angels - Maria José Afonso (Sol do Ave)

Projeto recente – financiado pelo EEA Grants de outubro de 2014 e março de 2016. Implementado pela Sol Ave e na Póvoa do Lanhoso pela Camara (entidade parceira)

Projeto que vem dar continuidade a um projeto que já estava a ser implementado anteriormente e que este financiamento veio dar a oportunidade de melhor estruturar

Iniciaram a partir de janeiro/fevereiro de 2015, sendo que entre outubro e dezembro de 2014 dedicaram-se à preparação.

Temática: empregabilidade jovem, parte de um diagnóstico realizado previamente que remete para o problema do desemprego juvenil em particular no concelho da Póvoa do Lanhoso. Refere a cultura de emigração no concelho, o desemprego despoletado pela deslocalização de empresas multinacionais.

Referência à nova vaga de emigração juvenil como obstáculo à implementação do projeto – os/as jovens resistem em participar por terem perspetiva de emigrar em determinada altura

Desafio Social Angels: Criar uma Comunidade Empreendedora, mobilizando vários atores da região que possam contribuir de alguma maneira para a empregabilidade juvenil – escolas, centro de emprego, empresas, município, etc... (detalhado na apresentação ppt)

Público: Jovens que enfrentam obstáculos à sua empregabilidade ou na eminência.

Atividades: Intervenção no ensino profissional – realização de workshops com recurso a métodos participativos; Mercado empreendedor – criação de moeda (La Fonte) que os jovens usavam para investir nos projectos apresentados como forma de lhes atribuir um valor. Mobilização de jovens da comunidade – espaços de troca e partilha de experiências entre jovens que estando em fases e momentos diferentes, contribuíam com experiências muito diversificadas de boas e más situações. Concursos de empreendedorismo. Teatro Cidadania para a Empregabilidade – valorização da intervenção através da arte (também valorizado pelo próprio programa Cidadania Ativa; criação de uma peça que foi já apresentadas por duas vezes e que tem funcionado como sensibilização entre os jovens que participam mas igualmente de sensibilização da comunidade



aquando da apresentação pública das peças, sobretudo sobre a problemática da emigração. A intervenção divide-se entre a sede de concelho e uma das freguesias periféricas: Junta de freguesia de Taíde.

Desde abril, a comunidade empreendedora dividida em dois grupos: 1) grupo de pessoas de várias áreas de negócio, 2) Grupo de pessoas ligadas à área agro-florestal. O próprio grupo decide o que quer discutir/visitar na sessão seguinte. É dado o exemplo de uma visita à freguesia de Brunhais.

Resultados já atingidos: abordagem multisectorial do empreendedorismo (diversidade dos atores envolvidos), apoio à estruturação de projetos, *networking*, criação de redes colaborativas (partilha de meios e promoção conjunta de produtos e serviços), representação dos interesses dos/as empreendedores, capacidade de influência (do grupo a nível local), desenho de propostas de trabalho, partilha de experiências, interconhecimento, contratações de trabalho, descoberta da capacidade empreendedora do território.



10 de setembro de 2015

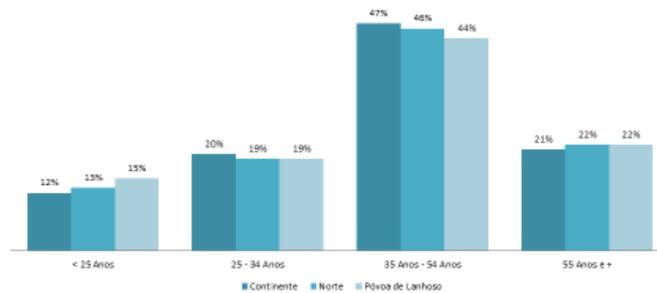




## O DIAGNÓSTICO



## O DIAGNÓSTICO



Fonte: IEFR outubro de 2014

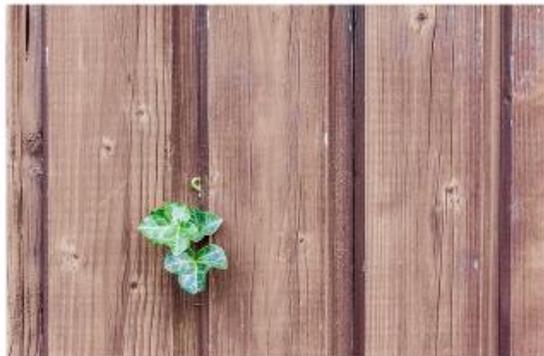




## O DIAGNÓSTICO



## O NOSSO DESAFIO!!!





## O NOSSO DESAFIO!!!

### COMUNIDADE EMPREENDEDORA

Processo de mobilização e participação ativa de múltiplos agentes do território na (co)construção de projetos facilitadores da empregabilidade jovem, confluindo as respetivas missões, vocações, competências, interesses e vontades para a concretização deste desígnio.

### OS SOCIAL ANGELS





## PÚBLICO ALVO



### Público Alvo

Jovens do ensino profissional e outros do Concelho da Póvoa de Lanhoso que se preparam para a entrada no mercado de trabalho, na iminência de vivenciarem situações de desemprego e/ou que já se encontram nesta situação.



## A AÇÃO

O desafio aos jovens

- ✓ Jovens do ensino profissional  
Mobilização de jovens para a identificação e exploração de oportunidades de emprego



## A AÇÃO

O desafio aos jovens

O Mercado Empreendedor: a moeda La Fonte





## A AÇÃO

O desafio aos jovens

O Mercado Empreendedor



## A AÇÃO

O desafio aos jovens

A mobilização de outros jovens da comunidade





## A AÇÃO

### O desafio aos jovens

Concurso de Empreendedorismo

- ✓ Participação dos 13 projetos apurados numa 1ª seleção no Programa de maturação e aceleração de ideias com o apoio de um Consultor de Startups.
- ✓ 8 projetos finalistas, envolvendo um total de 12 empreendedores em áreas diversas – moda, publicidade, agricultura, intervenção social, património e turismo, tecnologia e comunicação



## A AÇÃO

### O desafio aos jovens

Concurso de Empreendedorismo





## A AÇÃO

### O desafio aos jovens

Teatro Cidadania para a Empregabilidade

- ✓ Com elevado potencial para estimular a consciência crítica dos jovens e de contribuir para a construção da cidadania ativa, os jovens desenvolveram um processo de interrogação sobre o seu futuro profissional e um novo olhar para as oportunidades que o território lhes pode oferecer.
- ✓ (B)URRO: a peça que dá a conhecer ao mundo as suas vivências na preparação escolar para vida profissional e, sobretudo, os seus desafios e dilemas entre uma escolha de percursos profissionais



## A AÇÃO

A subida ao palco





## A AÇÃO

### A Comunidade Empreendedora: Social Angels Meetings

Workshops onde tem lugar a discussão participada em torno das oportunidades do território, do debate de projetos concretos, dificuldades e propostas de ação.



## A AÇÃO

### Social Angels Meeting Taíde





## A AÇÃO

### Social Angels Meeting Agroflorestal



## A AÇÃO

### Outros Social Angels Meetings: Brunhais





## A AÇÃO

### Resultados Social Angels Meetings

- ✓ Abordagem multisetorial do empreendedorismo
- ✓ Apoio à estruturação de projetos
- ✓ Networking
- ✓ Criação de redes colaborativas
  - ✓ Partilha de meios técnicos
  - ✓ Promoção conjunta de produtos e serviços
- ✓ Representação dos interesses dos empreendedores, inclusive numa das instâncias consultivas e junto do DLBC Rural
- ✓ Capacidade de influência



## A AÇÃO

### Resultados Social Angels Meetings

- ✓ Desenho de propostas de trabalho:
  - organização de redes de parceria
  - Desburocratização/aproximação de serviços
  - Investigação e capacitação
  - Comercialização, marketing e benchmarking
- ✓ Partilha de boas e más experiências
- ✓ (Inter)conhecimento entre os agentes
- ✓ Contratações de trabalho
- ✓ Descoberta da capacidade empreendedora do território





A construir um futuro diferente



OBRIGADA!

Maria José Afonso  
Sandrina Oliveira  
[desenvolvimentosociais@soldoave.pt](mailto:desenvolvimentosociais@soldoave.pt)

Fotografias: [www.oxley.com](http://www.oxley.com)



### **Projeto Xipamanine - Isa Neves (FEC) & Ana Rial (InComunidade)**

Projeto de apoio ao desenvolvimento socio-empresarial no bairro Xipamanine – periferia de Maputo, Moçambique.

Tema: Empreendedorismo e capacitação institucional. Surge de uma organização juvenil local Khandlelo Associação para o Desenvolvimento Juvenil.

Aprovado desde dezembro de 2014 mas a ser operacionalizado desde maio de 2015

Objetivo geral – reduzir a pobreza através da promoção de iniciativas de empreendedorismo.

Público direto: 350 jovens do bairro e 6 colaboradores da associação Khandlelo, 18 organizações públicas e privadas

Refere os resultados previstos, sendo que pelo facto da operacionalização do projeto ser muito recente é difícil mensurar os já atingidos.

Visita de Campo (Ana Rial): Diagnóstico - maio de 2015

Desenhado enquanto processo participativo que envolvesse os jovens e atores que participam no projeto. Durante três dias, 100 jovens participaram nas oficinas. Reuniões entre jovens e chefes de quarteirão. Nestes grupos, foi possível identificar problemas e até soluções. Durante as oficinas, algumas das atividades realizadas: mapa do bairro. Realização de um encontro final com todos os atores – Parlamento do Bairro. Xipamanine um bairro que vive em função do mercado com o mesmo nome.





## XIPAMANINE EMPREENDEDOR

### Projeto de apoio ao desenvolvimento socio-empresarial do bairro Xipamanine

Colóquio de encerramento do projeto  
*Promover os Estudos e as Práticas de Economia Social e de Capital Social no Ensino Superior*

10 e 11 de setembro de 2015

Com o apoio



2/13 www.fecongnd.org

## ÍNDICE

PROJETO XIPAMANINE

- FICHA DE PROJETO 3
- DE ONDE PARTIMOS 5
- OBJETIVOS 7
- PÚBLICO-ALVO 9
- RESULTADOS 10



FUNDAÇÃO FÉ E COOPERAÇÃO  
Quinta do Cabeço, Porta D  
1885-076 Moscavide | Portugal  
Tlf: 218 861 710 | geral@fecongnd.org



3/13

www.fecong.org

## XIPAMANINE

FICHA DE PROJETO

**Localização:** Moçambique  
Cidade de Maputo/Bairro  
Xipamanine

**Sector:** Capacitação Institucional,  
Proteção Social, Inclusão Social e  
Emprego

**Duração:** 24 meses  
1 de dezembro de 2014 a 30  
novembro de 2016



4/13

www.fecong.org

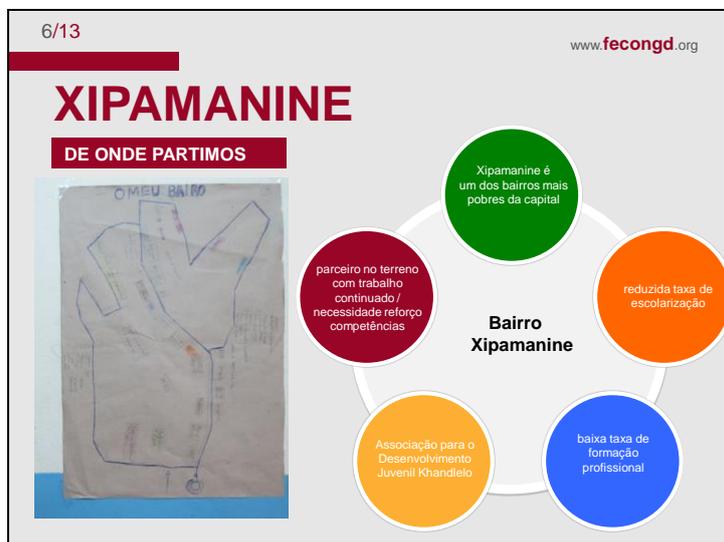
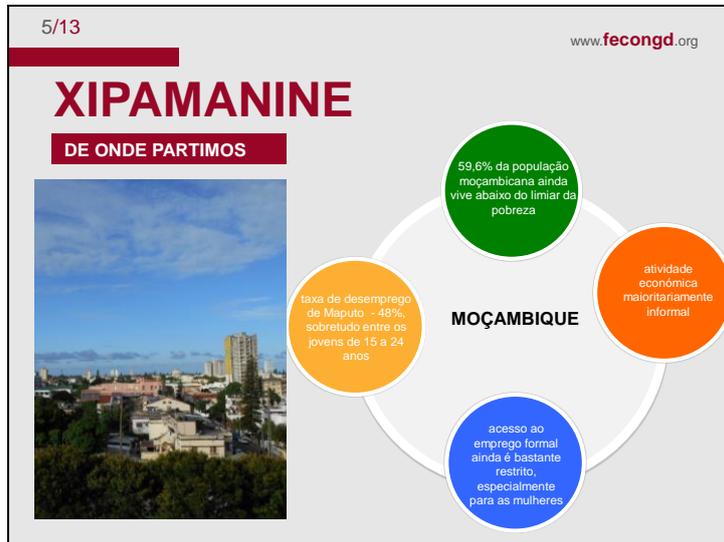
## XIPAMANINE

FICHA DE PROJETO

**Entidades Envolvidas**

- Khandlelo Associação para o Desenvolvimento Juvenil (ONGD)
- Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa (UCP-P)
- Academia kudondza-Komponi (AK)
- Núcleo Académico Empreendedor de Moçambique (NAEM)







7/13

www.fecongd.org

## XIPAMANINE

### OBJETIVOS

#### OBJETIVO GERAL

Contribuir para a redução da incidência da pobreza na cidade de Maputo, através de ações conducentes à **criação e desenvolvimento de iniciativas empreendedoras**, tendo em vista a melhoria do nível socioeconómico do Bairro Xipamanine.



8/13

www.fecongd.org

## XIPAMANINE

### OBJETIVOS

#### OBJETIVO ESPECÍFICO

Aumentar a criação e desenvolvimento de **iniciativas empreendedoras** através da **formação e da advocacia**, tendo em vista a melhoria do contexto socioeconómico do Bairro Xipamanine (Maputo).





9/13

www.fecongd.org

## XIPAMANINE

### PÚBLICO-ALVO

#### Direto:

-350 Jovens vulneráveis do bairro Xipamanine (Maputo), 200 dos quais mulheres;

-6 colaboradores da associação Juvenil Khandlelo, 4 dos quais mulheres;

- 18 organizações públicas e privadas.



*Indireto: População do bairro Xipamanine (Maputo) num total de cerca de 24.000 pessoas*

10/13

www.fecongd.org

## XIPAMANINE

### Resultado 1

Jovens vulneráveis de Xipamanine sensibilizados e formados para o desenvolvimento socio-empresarial do bairro.

Estudo de mercado e diagnóstico social

Mobilização e envolvimento dos jovens

Formação em desenvolvimento humano integral

Acompanhamento aos agregados familiares dos jovens





11/13 www.fecongd.org

## XIPAMANINE

**Resultado 2**  
100 jovens capacitados e participam de forma pró-ativa no processo de desenvolvimento socio-empresarial do bairro de Xipamanine, através de uma Incubadora de Empresas.

Implementação de uma Incubadora de empresas no bairro Xipamanine

Formação em empreendedorismo, gestão de pequenos negócios, gestão de organizações sociais de pequena dimensão

Acompanhamento e consultoria aos jovens

Formação em Informática básica



11

12/13 www.fecongd.org

## XIPAMANINE

**Resultado 3**  
A Khandlelo é capacitada para a gestão sustentável dos processos introduzidos e reforça a advocacia para o empreendedorismo junto de autoridades.

Capacitação técnica em gestão de serviços de empreendedorismo

Elaboração de um guia de boas práticas

Advocacia e disseminação dos resultados



12



**XIPAMANINE  
OBRIGADO**



 **FUNDACÃO FÉ E COOPERAÇÃO**  
Quinta do Cabeço, Porta D  
1885-076 Moscavide | Portugal  
Tlf: 218 861 710 | geral@fecong.org



### **Cooperativa Welcome Home - Andreia Valente**

Contextualiza a situação dos sem-abrigo na cidade do Porto, bem como do conceito de sem-abrigo.

Missão da cooperativa: promover o apoio, formação e empregabilidade de cidadãos em situação de sem abrigo.

Eixos: Empregabilidade, Formação e Apoio Psicossocial

Atividades: “Welcome Home Tours”, visitas guiadas orientadas por ex-sem abrigo; Produtos de *merchandising* (sacos de pano com ilustrações feitas por artistas que se consideram também eles/as marginalizados, Envolvimento em Plataforma de associações com atuação próxima desta cooperativa (ex: “As Vozes do Silêncio”, “Plataforma + Emprego”).

Futuramente: Abertura de um espaço de venda de produtos que possa criar um posto de trabalho e ainda sendo um ponto de referência para as *tours*, na Rua do Souto.

Apresentação vídeo: “Welcome Home”





**PROBLEMA**

**1300** cidadãos em situação de **SEM-ABRIGO**  
**200** a pernoitar na rua  
**1113** em acompanhamento social  
**60** com perfil de empregabilidade

Falta de respostas que promovam a inserção desta população.  
Apenas existem respostas remediativas - assistencialistas.



**WELCOME HOME**

**CONCEITO**

“Considera-se pessoa sem abrigo aquela que, independentemente da nacionalidade, idade, sexo, condição sócio-económica e condição de saúde física e mental, se encontra sem teto, vivendo no espaço público, alojado em abrigo de emergência ou com paradeiro em local precário ou sem casa, encontrando-se em alojamento temporário destinado para o efeito”

*Estratégia Nacional para a Integração da Pessoa Sem Abrigo 2009-2015, ISS, IP*





**WELCOME HOME**

**MISSÃO**  
Promover o apoio, formação e empregabilidade de cidadãos em situação de sem abrigo.

**VISÃO**  
Nos próximos cinco anos, queremos diversificar a oferta de auxílio a estas pessoas, através da criação e desenvolvimento de projetos inspiradores, em parceria com a sociedade civil. Com eles poderemos fomentar processos de auto-valorização pessoal e profissional.

**VALORES**  
Solidariedade, Sustentabilidade, Desenvolvimento Social, Integração Laboral, Coesão Social

*Trabalhamos para conseguir uma população sem abrigo do Porto com uma imagem socialmente valorizada e oportunidades acrescidas de inserção.*



**WELCOME HOME**

**EIXOS DE AÇÃO**

- EMPREGABILIDADE
- FORMAÇÃO
- APOIO BIOPSICOSSOCIAL

APOIO JURÍDICO

APOIO PSICOLÓGICO

CAFÉ NOTURNO

FORMAÇÃO

LOJA SOCIAL

WELCOME HOME TOURS – Rota da Mudança

NEGÓCIOS SOCIAIS



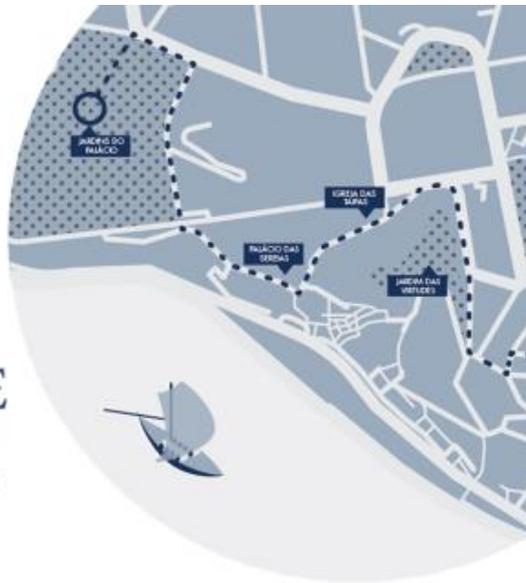
**Negócios Sociais**



Potenciar empregabilidade



Fonte de receitas positiva que permita a sustentabilidade dos diversos projetos da cooperativa



**WELCOME HOME**  
*tours*

1º Projeto operacional  
1 pessoa a trabalhar  
2 percursos disponíveis



## Produtos de Merchandising



## A WelcomeHOME está ainda envolvida em...





## No futuro próximo....



## EQUIPA



ALFREDO COSTA  
Assistente Social

ANDREIA VALENTE  
Psicóloga

HELENA PIZARRO  
Arqueóloga

VICENTE SPINOLA  
Arquiteto

Equipa multidisciplinar, otimista, a potenciar o seu próprio emprego e desenvolve possibilidades de emprego à população em situação de sem abrigo da cidade do Porto

## PARCEIROS





Video



**BeWelcome** faça a sua reserva e faça uma das nossas *Tours*

**Andreia Valente**  
andreaivsilva@gmail.com  
912397744

**WELCOME  
HOME**

www.welcomehome.pt  
info@welcomehome.pt  
919037113



### **Projeto ORIENTA-TE – Helena Gata - TESE**

Projeto iniciado em 2008, identificado pela comunidade. Intervenção antecede a 2006, quando se estava a trabalhar a emancipação.

Jovens provenientes dos PALOP principalmente da Guiné-Bissau e que nem trabalham, nem estudam nem estão em formação.

Projeto que dá oportunidade aos jovens ara construir os seus projetos de vida de forma sustentada.

Diversidade de oferta para responder à exigência dos jovens, à partida um público muito exigente e que é difícil cativar.

Eixos de Intervenção: *Coaching*, *Mentorias*, e *Job Shadowing* – produção de um manual financiado pelo Programa Escolhas.

Atividades definidas pelos jovens, a partir do planeamento que resulta de uma assembleia entre eles/as, responsabilizando-os/as na própria implementação do projeto.

Fatores diferenciadores: Parceria para o Desenvolvimento integrada: “ o nosso projeto”; relação com a comunidade – compromisso e confiança; abordagem individual e coletiva; equipa diversificada que inclua pessoas da comunidade (com todos os desafios que isso representa); diversidade de ofertas.

Alguns parceiros: CPCJ, Câmara Municipal de Cascais, Escolas locais, Programa Escolhas.




Projecto  
ORIENTA.TE

Jovens felizes e capacitados para agir




O que é?



**Visão**  
Jovens felizes e capacitados para agir

**Missão**  
Aumentar o poder de decisão e de ação dos jovens (14-24 anos) com vista à inclusão socioprofissional sustentável



Alcabideche (2011-12)  
Bairro da Azaruana, Alcoitão e Cruz Vermelha

Cascais (2010-12)  
Bairro da Torre e Cruz da Guia

Estoril (2008-12)  
Bairro da Galiza

S. Domingos de Rana (desde 2010)  
Bairros Zambujal, Mataoaça, Brejas, Miradouro, Conceição da Abóboda, Mata-da-Torre, Trajouce, e Mata-cheirinhos



Galiza - 2008

S. Domingos de Rana

Cascais - 2010

Alcabideche - 2011





 Como? Desenvolvimento pessoal 

**Autonomiza.te**



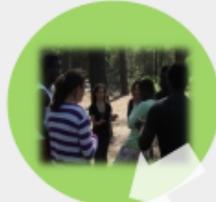
**Competências empreendedoras, procura de emprego e de formação**

Acompanhamento individualizado dos jovens, integrando várias valências - apoio à construção dos seus projetos de vida, apoio à procura de formação e de emprego, apoio à procura de respostas para desafios que se apresentem como obstáculo para a concretização das suas metas (mediação com serviços de administração pública, etc.), com vista à sua autonomização. Através da metodologia de Coaching, o jovem irá assumir o papel principal na definição e consecução das suas metas.

 Como? Desenvolvimento pessoal 

**Em família**

**Acompanhamento individualizado às famílias**



Sessões com os jovens e os seus familiares, na habitação dos jovens, promovendo o reforço da sua rede de suporte familiar para a concretização das suas iniciativas



 Como? Exploração Vocacional 

**Liga.te** **Experimenta.te**

**Mentoria Informal** **Mentoria Formal**

**Mentoria. O que é?**  
A mentoria é uma estratégia destinada a desenvolver os recursos e o potencial dos jovens através da relação com uma pessoa experiente, que motiva, inspira e transmite o seu «saber-fazer».

**O que é um Mentor?**  
O mentor é o profissional mais experiente que orienta, estimula, inspira e aconselha o jovem no início da sua carreira. Pode ser formal ou informal.

 Como? Exploração Vocacional 

**Liga.te**

**Mentoria Informal**

Foca-se no mentorando, tendo como objetivos o seu desenvolvimento global nomeadamente a facilitação da escolha vocacional, através de:

**Processo de mentoria informal:** mínimo de três encontro presenciais mensais e contactos regulares, através de telefone ou e-mail (recomendado).

- é, no mínimo, sendo que a durabilidade é definida entre o Mentor e o Jovem.
- Flexibilidade de horário e do local de realização das mentorias.

**Liga.te em 6 passos:**

- 1 Encontro com jovem para selecção do Mentor
- 2 Reunião entre Mentor e Equipa Técnica
- 3 Reunião entre Mentor, Tutor e Jovem
- 4 Processo de Mentoria
- 5 Reunião intermédia com Mentor, Tutor e Jovem
- 6 Finalização da mentoria.



 Como? Exploração Vocacional 

 **Experimenta.te**

**Mentoria Formal**  
Foca-se no contacto do jovem com a área profissional de interesse, tendo como objetivo a aprendizagem de um conjunto de competências profissionais, através de:

**Estágio vocacional:** Os jovens realizam um estágio com duração de 1 semana a 1 mês.  
ou  
**Job Shadowing:** Os jovens acompanham um profissional. (são a sua "sombra") durante um dia do seu trabalho.

**Experimenta.te em 7 passos:**

- 1 Encontro com jovem para selecção da Instituição/mentor
- 2 Reunião entre Responsável da Instituição e Equipa Técnica
- 3 Reunião inicial entre Mentor, Tutor e Jovem
- 4 Processo de Experimenta.te
- 5 Reunião intermédia entre Mentor, Tutor e Jovem
- 6 Reunião final entre Mentor, Tutor e Jovem
- 7 Relatório de Estágio

 Como? Literacia Digital 

 **Clic@.te**

**Acesso a Internet**

Esta atividade promove competências ao nível da utilização de **ferramentas básicas digitais**: navegação na Internet (utilização de browser, pesquisa, utilização de e-mail), utilização do Windows e programas do Microsoft Office, redes sociais e profissionais (MSN, LinkedIn, Facebook, Hi5)

 **Tic@.te**

**Aquisição de competências em TIC**

Esta atividade promove a aquisição de competências em Tecnologias da Informação e da Comunicação através da dinamização de uma **formação inicial**, adaptada às necessidades do público-alvo.



 Como? Literacia Digital 

**TPC no PC**



Promoção do sucesso escolar através das TIC

Apoio à realização dos trabalhos escolares através da utilização do computador.

 Como? Mobilização dos jovens 

**Mexe.te**

Atividades Lúdico-pedagógicas, artístico-culturais e desportivas



Esta atividade promove a participação e coresponsabilização dos jovens no **planeamento, desenvolvimento e avaliação das atividades.**

São desenvolvidas ações lúdicas, artísticas, culturais e desportivas.



 Como? Mobilização de Jovens 

**Explica.me**

  **Explicações para apoio escolar**

Explicações em diversas disciplinas e áreas, realizada por voluntários

 Como? Mobilização dos jovens 

**InterVir**

**Voluntariado e Intercâmbios**

Realização de experiências de voluntariado e intercâmbios, nacionais e internacionais



 **Resultados?** 

Alguns resultados globais de 24 meses de implementação do projeto ORIENTA.TE SDR E5G (Janeiro de 2013 a Dezembro de 2014):

**525 participantes envolvidos** (dos quais, 378 crianças/ jovens)  
**27 famílias de jovens com acompanhamento individualizado**  
**149 participantes** com desenvolvimento de **competências empreendedoras**  
**33 participantes** com **estágios vocacionais** realizados e/ou acompanhados por **mentores**.  
**131** dos 210 participantes desocupados **integrados no mercado de trabalho, formação ou ensino** após participação no projecto – **Taxa de sucesso de 62%**.  
**384 participantes** com desenvolvimento de **competências em TIC**  
**493 sessões** realizadas com atividades ludico-pedagógicas, desportivas e culturais.  
**Uma proposta para o Orçamento Participativo promovida por participantes.**

 **Fatores diferenciadores?** 

Parceria para o Desenvolvimento Integrada "O nosso Projeto"  
Relação com a Comunidade – compromisso e confiança  
Abordagem individual e coletiva  
Equipa  
Diversidade de ofertas



 **Vozes dos jovens** 

*"O Orienta.te estimula-nos a que nunca deixemos de acreditar em nós mesmos e acima de tudo ajuda a transformar a esperança e os sonhos em realidade"*  
Golza (Set. 2009)

*"É muito importante. Adquiri novas experiências. Já é um passo de vitória para a minha vida!"*  
S. Domingos de Rana (Mar. 2010)



*"Antes do projecto sentia-me desanimado e sem objectivos de vida, agora sinto-me confiante e sei que vou conseguir o que quero."* Golza (Fev. 2010)

*"Sinto que com força, conseguimos tudo o que queremos."*  
S. Domingos de Rana (Abr. 2010)

 **Contatos e Entidades Envolvidas**

Coordenação Projeto: Mariana Pires de Miranda  
Telemóvel: 910 647 592 | 925 120 418  
E-mail: [orientatesdr.e5g@tese.org.pt](mailto:orientatesdr.e5g@tese.org.pt)  
Web: [www.tese.org.pt](http://www.tese.org.pt) | [Facebook](https://www.facebook.com/ORIENTA.TE) ORIENTA.TE

Diretora Executiva da TESE PT: Helena Gata  
[h.gata@tese.org.pt](mailto:h.gata@tese.org.pt)

Promovido por:  Financiado por:  Cofinanciado por: 

Entidade Promotora:  Entidades do Comércio: 



### Projetos da Atelier Mar – Leão Lopes

Recomenda o filme: “Cabo Verde: vozes Solidárias. Um outro canto à esperança” promovido pelo Atelier Mar, dirigido pelo Leão Lopes. O filme representa um trajeto por entre várias associações.

Projeto de Lajedos em Santo Antão – intervenção com pequenos agricultores no sentido de melhorarem a sua produção para tirarem melhores resultados do esforço que fazem. Conta como numa das reuniões deste projeto, sobre a produção da beterraba – recentemente introduzido na dieta alimentar de Cabo Verde, ainda que promovido pelo Ministério, se dá início a um produto que acabaria por ser inovador: rebuçado de beterraba e mancarra (recuperando o cultivo do amendoim naquela zona).

Comunidade bastante isolada – questionamento sobre a razão que levava as pessoas a quererem fixar-se e permanecer por lá. Em conjunto com a comunidade, foi identificado o maior problema como sendo o acesso à água potável. Neste sentido, e para evitar a instalação de cisternas (que implicariam um custo avultado), foi desenvolvido, em conjunto com os pastores e com a escola de arquitetura, um modelo de armazenamento de água que correspondesse às características e recursos locais. Atualmente os pastores constroem o seu próprio sistema de armazenamento, sem dependerem da Atelier Mar. Para além disso, com base em conhecimento oriundo da investigação aplicada, a produção de queijo nestas comunidades foi melhorada e assim potenciada a sua introdução o mercado local e até nacional. Produção do queijo feita em grutas constituída por uma rocha local que tem propriedades relacionadas com a manutenção da temperatura baixa. Produção de 500 kg de queijo por mês; autonomia ao nível do transporte e exportação para hotéis noutras ilhas. - História de empreendedorismo a partir de um momento de inspiração.



## Debate:

### Que esperam das universidades? O que lhes pedimos?

Leão: Modernizar a atuação das universidades, reconhecendo que as mesmas são um equipamento da comunidade que está ao serviço dessa mesma comunidade, desde os temas e prioridades de investigação. Desta forma contribuirá para o desenvolvimento da comunidade. “Mindelo – Escola Internacional de Artes”, isto porque o sítio em que está inserida a escola é de facto a matriz da mesma. As áreas de conhecimento são depois anexadas, por exemplo Lagedos é uma anexação da escola. Liberdade desta escola pelo facto de não depender de uma estrutura clássica e pesada mas antes que imana da sociedade civil.

Helena: Revisão curricular e maior ligação da teoria à prática. Avaliação – fortalecer a avaliação de impacto.

Social Angels: Valoriza o saber académico e pondera já uma possível parceria com a UMinho, pela proximidade geográfica.

Andreia Valente: Universidades têm que formar pessoas com valores e não meramente técnicos.

Ana Rial (InComunidade): Refere as imitações de estágios de alunos universitários, por exemplo quando a sua prática é em si limitada (por exemplo, quando o estágio se limita a um dia por semana). O espírito crítico deve ser trabalho desde a base e depois sim reforçado ao nível do ensino superior.

### Como se faz a troca de saberes entre Sul-Norte-Sul-Norte? Talvez se trabalhe demasiado em paralelo e menos em interação.

La Salette (CEAUP) – Potenciar as Redes de partilha e troca de conhecimento (plataformas regionais, o próprio projeto – manual concebido no âmbito do projeto). Além da revisão de literatura, casos práticos e atividades pedagógicas. Ao longo do tempo vão ser acrescentados casos práticos. Será uma ‘plataforma’ com recolha de casos práticos mas não serão muitos.

Américo Mendes (UCP) – há várias redes, algumas são mais relevantes por serem aquelas em que nos sintamos bem ou que nós próprios criamos. Há também estes encontros que também são uma rede.

**ENCERRAMENTO DO DIA** Por Américo Mendes



## Dia 11 de setembro

### MANHÃ

APRESENTAÇÃO DO MANUAL REALIZADO NO ÂMBITO DO PROJETO *PROMOVER OS ESTUDOS E AS PRÁTICAS DE ECONOMIA SOCIAL E SOLIDÁRIA NO ENSINO SUPERIOR*



## Promover os Estudos e as Práticas de Economia Social e Solidária no Ensino Superior



<http://www.yorks.ac.uk/erasmus-mundus/social-economy/ceaup---africa.aspx>



### Estrutura da apresentação:

1. Projeto de Economia Social e Solidária no Ensino Superior – breve apresentação
2. Contexto de investigação
3. Estrutura do Manual
4. Alguns exemplos dos materiais



- . Universidade de York St John, RU
- . Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, Portugal
- . Universidade Nacional San Antonio Abad del Cusco, Peru
- . Universidade de Mondragón, Espanha
- . Universidade Mayor de San Simón, Bolívia

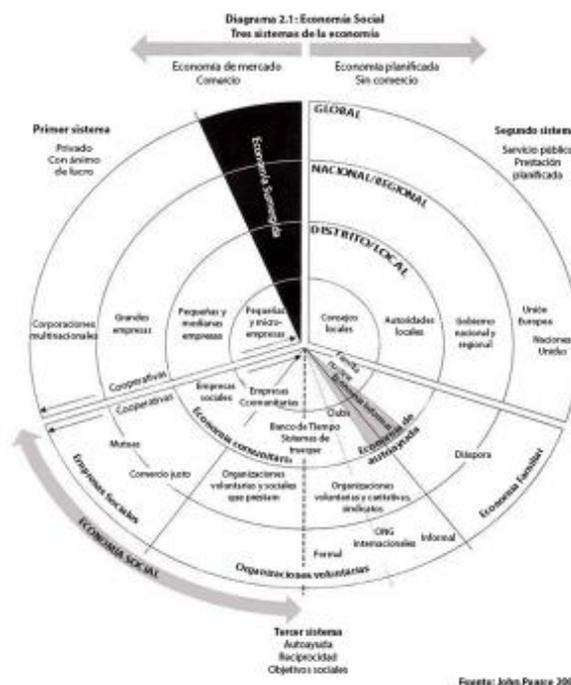


Recolher conhecimentos sobre a natureza, origens e práticas de modelos económicos centrados na pessoa humana.

Recolher informações sobre o sistema da economia social e solidária, que tem os seus próprios valores e modelos de pensamento e de comportamento.

Baseado em valores como a reciprocidade, a solidariedade, a cooperação e a confiança.

Tornar este conhecimento mais acessível aos alunos do ensino superior.





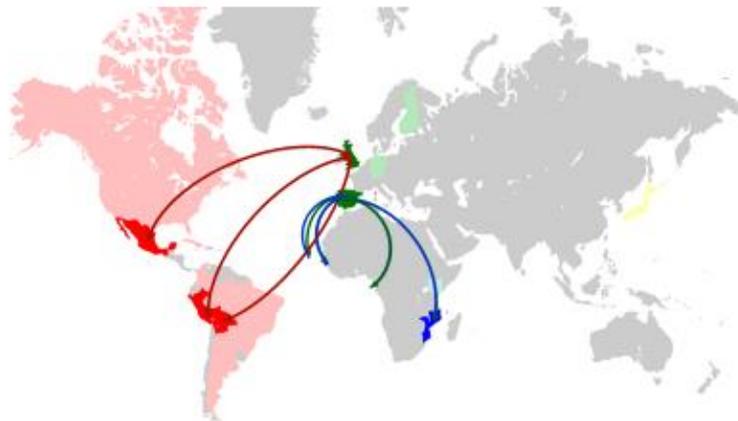
## Crenças



- As Universidades devem oferecer um conhecimento mais alargado sobre diferentes formas de organização da vida económica.
- O Ensino Superior deve comprometer-se com uma educação ao serviço da comunidade.
- Acreditamos num modelo económico centrado na pessoa humana.

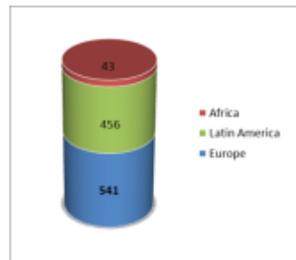
Se o Ensino Superior quer manter a sua relevância necessita de rever a sua ética, os seus propósitos e os currícula. Necessita de considerar, para além da produção de riqueza, a produção de bem-estar individual e coletivo.

## Regiões cobertas pelos parceiros e pelas redes das universidades parceiras





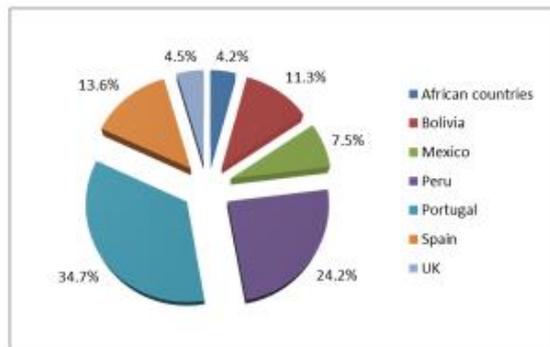
**Participantes**



**Países africanos como um grupo:**  
Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique & São Tomé

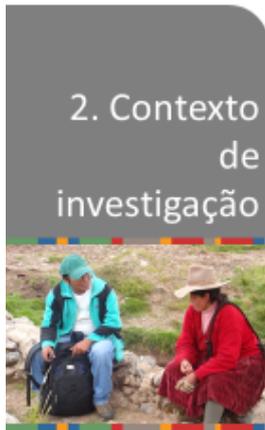
8

**Participantes**



**Países africanos como um grupo:**  
Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique & São Tomé

9



Como recolher informação qualitativa para poder encontrar determinados padrões de comportamento que sejam reflexo da economia social e solidária em contextos tão diversos?



Três momentos cruciais:

1. Construção de um guião de entrevista semi estruturada suficientemente aberto para não perder a riqueza de cada região mas suficientemente estruturado para manter uma mesma linha de trabalho





## 2. Realização das entrevistas

**Europa:** virtual e presencial através de redes sociais;  
**África:** presencial, com o apoio de ONG;  
**América Latina:** presencial, com o apoio de estudantes universitários



## 3. Construção de um discurso no qual todos e todas nos pudéssemos identificar e identificar as nossas realidades: processo de encontros e desencontros, de construção dialógica que se traduz, por exemplo, nos modelos que apresentamos.





Em jeito de reflexão

Para além do que estamos acostumados a ver, existem:

. Mundos onde a prática de valores como a solidariedade, a confiança, a reciprocidade e a cooperação é possível.

. Mundos onde estes valores convivem com o sistema de mercado, ou de outros tipos de trocas, e a gestão equilibrada dos recursos.



. Mundos que reclamam o seu direito de serem visibilizados e escutados.

. Mundos nos quais as pessoas estão sempre à frente dos valores materiais e monetários.

. Mundos que nos transformam à medida que nos aproximamos com a suficiente humildade para entender e aceitar processos que escapam à métrica convencional.



### 3. Estrutura do Manual



1	Epistemologia e valores
2	Identidade e perfil
3	Modus operandi
4	Competências
5	TIC – boas práticas
6	Capital social
7	Responsabilidade e transformação social
8	Universidades, incubadoras e ecossistemas



#### Conteúdo dos capítulos 2 a 7:

1. Introdução
2. Revisão de literatura com a perspetiva de 3 zonas geográficas: África, Europa e América Latina





Conteúdo dos capítulos 2 a 7:

3. Secção dialógica



Conteúdo dos capítulos 2 a 7:

4. Casos práticos

**Social and Solidarity Economy - Higher Education**

including a solidarity and sharing economy which is "only achievable with a cooperative". In other words, "we had to make a profit in order to guarantee the sustainability, development and consolidation of the cooperative, but not such high figures". This means that farmers and green tourism in village areas which are inclusive of the environment, allowing social justice with respect to access to products, wealth or sharing generated value again as direct consumer remuneration for farmers. "Of the profits and the products sold in the cooperative, a percentage of the profits goes to the farmers, another 20% is the farmers' profit margin, 30% is profit, another 20% is the reserve fund (disposable for the bank for use overvalued) and the other 30% is profit (profit)".

Some tables. The cooperative dimension is applied social responsibility, emphasizing that "if there is no economic viability, an objective that needs reflecting, it is a family that is engaged normally, for example, 'give, only to a cooperative as an economic level'".

Manuel Veloso, on behalf of the Association of the Northern Alentejo, highlights the social responsibility of the State and international organizations, articulating the actions and projects they can carry out either built around an economic diagnosis or offering educational opportunities for the surrounding human communities. It is in the community, which is long the products, the work, the people, more committed, solidarity and attention. They give the example of the resources, an international organization aimed at providing aid, might funding and begin work that they also manage to, both the reserve with the funding assigned for it, that still is part of it, but that had to stop because the money ran out and they had to "come over leaving and start again. They don't feel because the capital of the 'fines' is not". The huge system works as there is to see the system taking the northern Alentejo. The community and another water reserves. Still by each people using



and resources, for rural areas (small and without a central bank or bank).

The cooperative also highlighted the responsibility of the local organizations in working a crisis sector in the community and in economic development. Both over time they allow African organizations, in fact with a financial mobility, "have said to come out with" in some national and international meetings, afterwards to do with existing problems in the program that are, cooperative community development. The next objective is the responsibility of the foundation and the Cooperative of the Northern Alentejo to guarantee the quality of investment made in the association, ensuring they are committed to social "identifying the problems in the area, setting priorities, training management and setting priorities, so as to be able to go on after have sold and look at the work with a concept that is looking for the problem" (Manuel Veloso).

Whether these young men continue to give something to these organizations, "it is a social movement to end something better for the Northern Alentejo". Manuel Veloso, who is better than "together the community can have to make decisions more quickly (in the same field), but also stops because the more long" (Manuel Veloso).

**QUESTIONS FOR DISCUSSION AND ACTION**

- Observe the effect on the role of social and solidarity economy organizations as models of social responsibility and economic mobilization towards the population and for social transformation.
- Observe the effect on the role of social and solidarity economy organizations as models of social responsibility and economic mobilization towards the population and for social transformation.
- Reflect on the reasons of the impact operation of Cooperatives that include communities.
- Investigate on the importance of social responsibility activities for social cohesion and community development.
- Analyze the impact of these local organizations in community development.



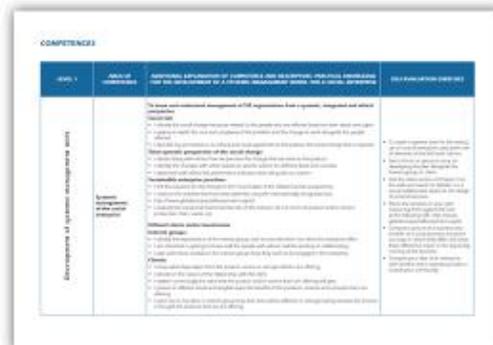
Conteúdo dos capítulos 2 a 7:  
5. Atividades Pedagógicas



ACTIVIDADES PEDAGÓGICAS	
Objetivos	... (text)
Conteúdos	... (text)
Metodologias	... (text)
Recursos	... (text)
Atividades	... (text)
Avaliação	... (text)



Conteúdo dos capítulos 2 a 7:  
6. Competências



COMPETÊNCIAS	
Objetivos	... (text)
Conteúdos	... (text)
Metodologias	... (text)
Recursos	... (text)
Atividades	... (text)
Avaliação	... (text)



Página web com recursos audiovisuais e outros recursos  
Em constante atualização

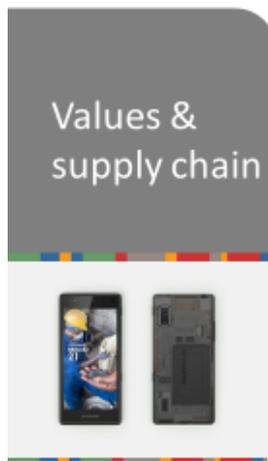




## Social enterprise “Fairphone”: Facts



- Started as an awareness campaign on conflict minerals in consumer electronics in **2010**.
- Registered as an independent social enterprise in **2013**.
- Reconnect consumers to their products and uncover how things are made.
- **60,000** Fairphones sold (and counting).
- **39** employees with **20** different nationalities and **17** languages spoken.
- **100%** independently financed (no donations or venture capital) to preserve their social values.
- **~85,000** Facebook fans.
- **20,000** Twitter followers.
- **45,000** newsletter subscribers.



## Values embedded in their whole supply chain:



- **Mining:** Source materials from conflict-free zones.
- **Design:** Longevity and repairability, buyers control over their products.
- **Manufacturing:** safe conditions, fair wages, worker representation.
- **Life Cycle:** full lifespan of mobile: use, reuse and safe recycling.
- **Social entrepreneurship:** New economy with focus on social values.



- Openness
- Transparency
- Togetherness
- Creativity
- Transformation
- Environmental sustainability
- Participation
- Sovereignty





## MESA REDONDA 2 – PRÁTICAS

**Participantes:** Ana María Villafuerte (Universidade de Cusco, Perú); Eduardo Graça (CASES); Graça Rojão (CoLabora, Covilhã); Leandro Pinto Júnior (COAJQ, Guiné-Bissau).

**Dinamizador:** Filipe Pinto (ATES-UCP/ LD/IPAV)

**Leandro Pinto Júnior:** É membro fundador da COAJQ, juntamente com 2 colegas que também estudaram em Cuba, juntamente com 6 jovens. A COAJQ é uma cooperativa que congrega associações de agricultores e de pescadores que tem em consideração o contexto da Guiné-Bissau: 1500-2900 litros de chuva por ano. O objetivo da COAJQ é prestar serviços às pessoas mais necessitadas para assim lutar contra a pobreza. Tendo em conta que a Guiné-Bissau tem uma diversidade cultural enorme, com 32 grupos étnicos, cada um deles produz de acordo com as culturas que satisfazem os seus hábitos alimentares. A COAJQ trabalha com associações que estão na margem sul do rio Cacheu. Neste contexto, e balizando o contexto sociocultural, tem como objetivo fortalecer uma economia reforçada, equilibrada; promover e favorecer a agricultura de subsistência. O papel da associação é promover uma dinâmica onde existe um espaço semanal de venda de produtos, para poderem ser escoados.

**Filipe Pinto:** Papel da economia e importância do setor social na Guiné-Bissau.

**Ana Maria Villafuerte:** Professora da faculdade de economia e membro do projeto.

Caraterização das organizações de economia social: tem como pano de fundo uma crise económica forte. A economia solidária não é um tema novo na América Latina: as culturas antepassadas viveram todas na economia solidária, economia de subsistência como forma de enfrentar a pobreza. Nos anos 90, foram obrigados a pagar a dívida externa, as pessoas organizaram-se para uma prática solidária, com a procura de auto-emprego. Há uma cultura de



solidariedade coletiva, assumindo o combate da luta contra a pobreza. As pessoas não estavam à espera do Estado para o combate à pobreza ou à fome. Projetos de produção agrícola para o acesso aos mercados, formando associações. Países como Bolívia, Peru, Equador têm tendências a organizarem-se em associações. Em que marco se movem: desenvolvimento económico comunitário: a comunidade faz o seu próprio percurso. Uma relação de ida e volta. Os economistas têm a tendência de pensar nos supostos e em quererem implementá-los. O maior flagelo do mundo é a fome: a América Latina e a África também o viveram e vivem.

**Eduardo Graça:** Formado na área da economia, antiga formação de finanças das escolas superiores de economia em Portugal, mas não está nesta área.

Presidente da Cooperativa António Sérgio para a Economia Social (CASES). Mesa onde se senta o Estado com as organizações ligadas à economia social (cooperativa de interesse público – o capital é que determina o poder – o Estado é que tem o poder maioritário). Desde o ano 2010, foi desenvolvido um processo comum de diversas entidades que tentam criar um edifício institucional da economia social. Em Portugal, ao contrário da maioria dos países da EU, a Economia Social tem uma consagração constitucional. Este setor é em termos da lei suprema do país, tão importante e autónomo como o setor público e privado. Não tem uma estrutura de organizações tão forte como os setores público e privado. Estamos a fazer caminho. Em 2013 foi aprovada a Lei de Bases da Economia Social. Em Portugal, a Economia Social também é uma realidade muito antiga, não é nada de novo, nenhuma invenção atual. Particularmente na Europa, fortemente impulsionada pela Revolução Industrial. O cooperativismo, o mutualismo, o associativismo, os partidos políticos e os sindicatos são todos formados no seguimento da revolução industrial. O fundamento de isto tudo é a auto-organização, a autogestão.

A Lei de Bases portuguesa foi a segunda a ser aprovada a nível europeu, a primeira foi a francesa. Está em curso a elaboração de um processo estatístico das organizações. Criação de uma base de dados das Organizações da Economia Social. Criar, desenvolver uma base de dados do setor cooperativo português. Têm cumprido o que tem sido estipulado.



**Graça Rojão:** Cooperativa de intervenção social da Covilhã.

Agradece a oportunidade pois afirma que recebem semanalmente questionários das Universidades e nunca têm a devolução. Fazem parte de várias Redes. O que nos une são os valores. 3 eixos de intervenção: Igualdade de género e violência doméstica, inclusão social de crianças e empreendedorismo social.

**Ana Maria Villafuerte:** O que nos une é sermos seres humanos. É uma época em que podemos questionar paradigmas. O principal paradigma é reavaliar o papel do ser humano na natureza. A visão é: o que fazemos com os outros e pelos outros? Temos a obrigação de sermos solidários com os outros seres humanos. Não podemos ser coniventes com este crescimento que não é sustentável. Deixemos de lado os homo-económicos. Partilha é uma coisa racional porque não devia acontecer de umas pessoas terem mais do que outras.

**Filipe Pinto:** Chavões como empowerment, participação... Como é que isto acontece, se manifesta na prática? Envolvimento dos cooperantes e das comunidades.

**Leandro Pinto Júnior:** O modelo de cooperativa é igual em todo o mundo, mas a implementação é diferente, conforme cada contexto. Em 1991 surge o multipartidarismo e as ONG. As nossas cooperativas têm relações com as comunidades: formação, apoio, venda, reforço das capacidades, 30 novas associações que estão ligadas a esta cooperativa.

**Graça Rojão:** Temos de ter a convicção profunda que participação é fundamental. Lidamos com muitos medos do dia de amanhã, e com a esperança que não desistam. Em relação às Redes das Organizações, estas vivem uma grande incerteza em relação ao amanhã e querem que o Estado cumpra as suas obrigações e responsabilidades, o que não acontece.



**Eduardo Graça:** É difícil levar à prática a verdadeira participação. Questões de transparência: tem vindo progressivamente a alcançar-se patamares de transparência. É difícil medirmos o esforço das próprias organizações de Economia Social em Portugal. Não estamos perante um setor amador, desprovido de capacidades próprias. Perspetiva otimista, mas realista (porque há muita coisa a fazer). O setor vai ganhando qualidade e robustez.

DEBATE:

**Miguel Silva:** Pequena precisão: Equador e Brasil que tem uma enorme legislação. Não foi de repente, com esta crise, que surge esta área da Economia Social e Solidária, há um contínuo que começou no passado. O empreendedorismo social está colado à economia social e solidária?

**Eduardo Graça:** As entidades da Economia Social não são organismos estáticos, são dinâmicos. As entidades atuais evoluem, progridem e vão preenchendo todos os vazios. As organizações são (têm de ser) empreendedoras, senão morrem. Tem uma visão bastante conservadora em relação ao empreendedorismo. Melhor maneira de melhorar os recursos é privilegiar as instituições que já existem a empreender.

**Graça Rojão:** Acrobacia económica: discussão da precariedade do emprego com os “precários inflexíveis”. O Estado desresponsabiliza-se do desemprego, desculpando-se que as pessoas não são empreendedores. Rede de economia social local (Covilhã), em que fazem trocas ou vendas com uma moeda social, o tear, que diz muito à Covilhã. Põe as pessoas a pensar no que podem fazer para serem empreendedores.

**Ana Maria Villafuerte:** O empreendedorismo converteu-se numa ferramenta de desenvolvimento. É preciso distinguir o empreendedorismo e o empreendedorismo social. Ex: acesso a água. É



empreendedorismo. Mas se estamos a falar de levar água a uma comunidade, estamos a falar de empreendedorismo social. É um sistema que tem de estar articulado.

**Catalina:** A Ana Maria disse que a economia social luta contra a pobreza: se acabar a pobreza acaba a economia social?

**Ana Maria Villafuerte:** Pelo contrário, quando mais combatermos a pobreza, mais temos de pensar numa comunidade justa e equitativa.

**Miguel Silva:** Neste momento, a economia social e solidária centra-se nas pessoas que não têm acesso a uma economia de mercado. O empreendedorismo é muito importante, mas tem de haver critérios das diferenças entre o empreendedorismo e o empreendedorismo social.

**Graça Rojão:** A economia ou é social ou é fratricida.

**Pedro Moisés:** A economia social não vai adiante porque as pessoas são teimosas e querem ter a sua própria “capelinha”, não se querem unir para ficarem mais fortes.

**Eduardo Graça:** 1º exemplo: cooperativas de energia elétrica. 2º exemplo: caixa de crédito agrícola: fundada por necessidades que foram surgindo. É o banco mais credível, em termos de indicadores de toda a banca. Há um tropismo do capitalismo para absorver o mercado dos pobres.

**Ana Maria Villafuerte:** Economia: estamos a falar de capitalismo neoliberal. O que nos fez levar a esta situação de insustentabilidade. Desenvolvimento: é importante para que as pessoas vivam melhor. Por questões de sobrevivência, não vamos poder chegar ao mesmo nível de desenvolvimento.



**Hélder Rodrigues:** A eficiência é muito apregoada. Tem lido sobre projetos em África e a aplicação do dinheiro não é eficiente: existe algum conselho para as organizações serem mais eficientes?

**Leandro Pinto Júnior:** Exemplo: localmente há parceiros que intervêm com as comunidades e estão a trabalhar com 39 associações incluindo a rádio comunitária, para uma maior sensibilização, envolvimento, divulgação...



## TARDE

### EMPREENDEDORISMO SOCIAL DE BASE COMUNITÁRIA

Idearia - Graça Rojão (CoLabora)



**COOLABORA**<sup>CRL</sup> INTERVENÇÃO SOCIAL

R. Combatentes da Grande Guerra, 62  
6200-020 Covilhã  
[www.coolabora.pt](http://www.coolabora.pt)

Graça Rojão, Setembro 2015



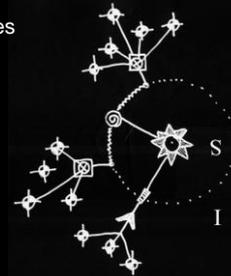
## COOLABORA<sup>CHL</sup>

### Missão

Contribuir para o desenvolvimento das pessoas, das organizações e do território

### Visão

Ser uma organização sustentável, com capacidade de promover a inovação social e com intervenções marcadas pela qualidade e por princípios éticos



## COOLABORA<sup>CHL</sup>

### Intervenção Social

Construir processos de desenvolvimento à escala humana

Localmente enraizados

Democráticos, participativos e colaborativos

Atendendo à pluralidade de dimensões da vida

Em torno de necessidades reais e da repartição de riqueza

### Consultoria

Apoio ao desenvolvimento organizacional de entidades de economia social e autarquias





COOLABORA<sup>CR</sup>

### Consultoria

- Preparação de candidaturas e gestão de projectos
- Formação e criação de recursos pedagógicos
- Consultoria em planeamento estratégico
- Processos de certificação da qualidade em IPSS
- Planos para a Igualdade em organizações

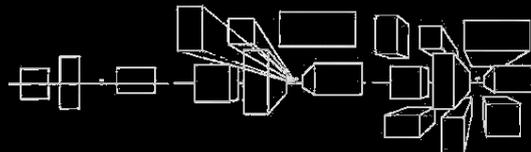


3

COOLABORA<sup>CR</sup>

### Intervenção Social

- 1 Igualdade de género e prevenção da violência doméstica
- 2 Apoio a crianças e jovens particularmente vulneráveis
- 3 Economia e emprego





COOLABORA<sup>TM</sup>

## Eixo 1 Igualdade de Género Prevenção e combate à violência

Círculos de mulheres » Teatro participativo nas colectividades » UBICOOOL » Arte contra a violência

Gabinete de Apoio a Vítimas » Intervenção com Agressores » Rede de Parceria » Coordenação do Plano Municipal de Prevenção e Combate à Violência

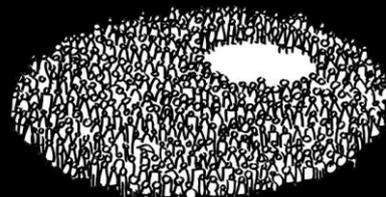
\* Gabinete Itinerante em OP



COOLABORA<sup>TM</sup>

## Eixo 2 Apoio a crianças e jovens vulneráveis

Centro de Inclusão Digital » Apoio ao estudo » Estágios » Cidadania » Apoio familiar

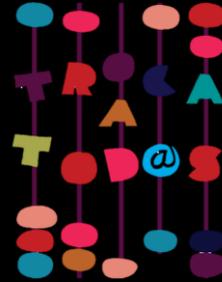




COOLABORA<sup>CR.</sup>

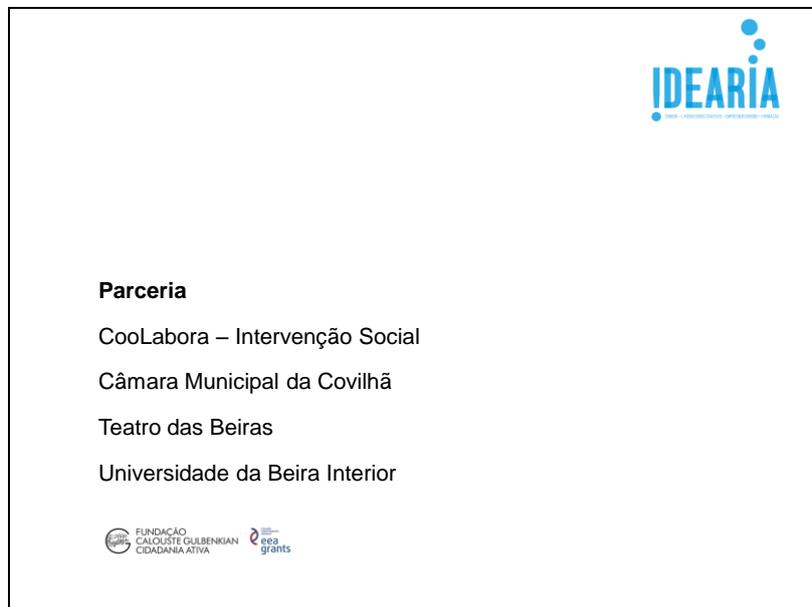
### Eixo 3 Economia Solidária e Emprego

Grupos de Entreatajuda na Procura de Emprego»  
Emprego jovem » Rede Troca a Tod@s/moeda social



# IDEARIA

 COWORK + LABORATÓRIOS CRIATIVOS + EMPREENDEDORISMO + FORMAÇÃO





## !DEARIA

### Acções

#### Laboratório Empreendedor

- Da ideia ao plano de negócios

#### Laboratório Criativo

- Oficinas de vídeo, cinema, teatro, expressão plástica
- Festival de Ideias / Bolsa de Ideias

#### Laboratório de Experimentação

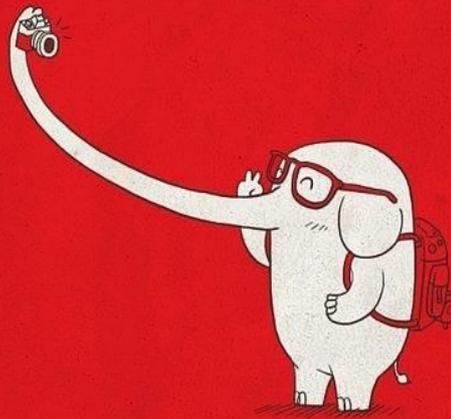
- Espaço IDEARIA
- Estágios e Mentoria



**Laboratório Criativo  
de Expressão  
Plástica**

**Vamos fazer Arte?**  
Estamos à tua  
espera na quinta  
feira (dia 21), na  
IDEARIA, às 20:30h!

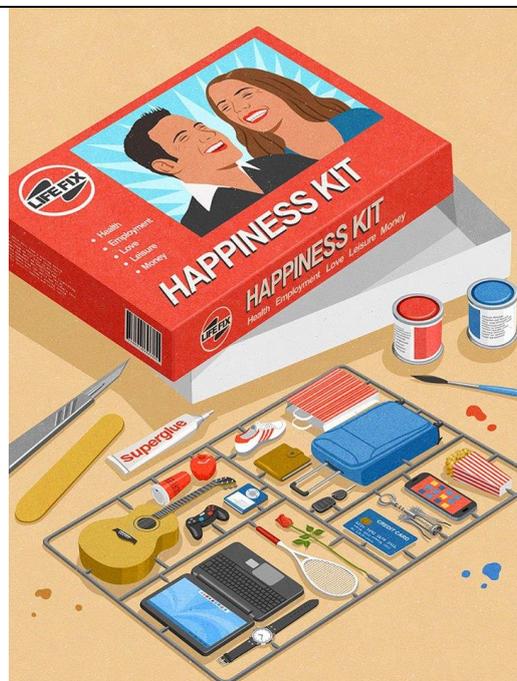
(RE)TRATA-TE  
Imagina o teu auto-  
retrato psicológico.

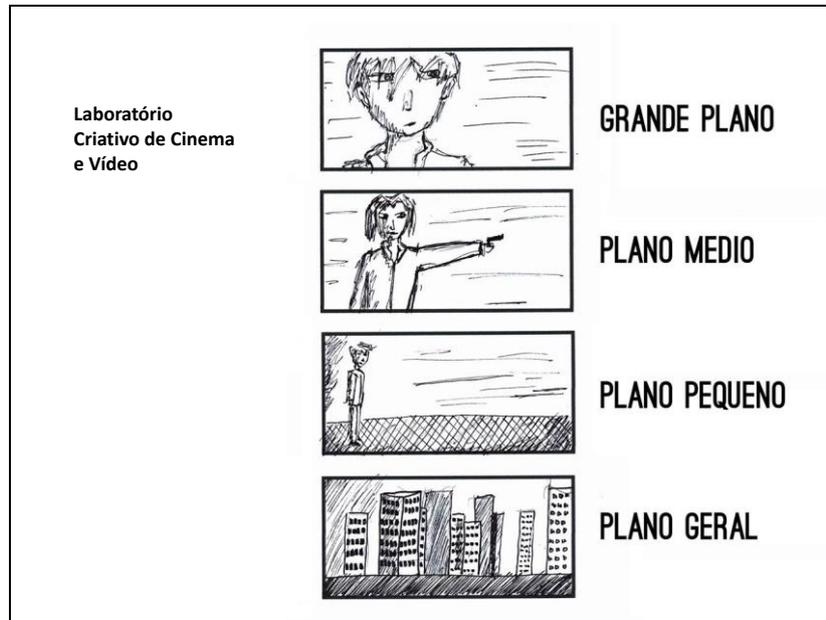


**Laboratório  
Criativo de Teatro**

Hoje às 20h30 mais  
um episódio do kit  
de felicidade  
Laboratório  
Criativo de Teatro  
Participativo e  
Social. Quem não  
arrisca....

(ilustração de John Holcroft)







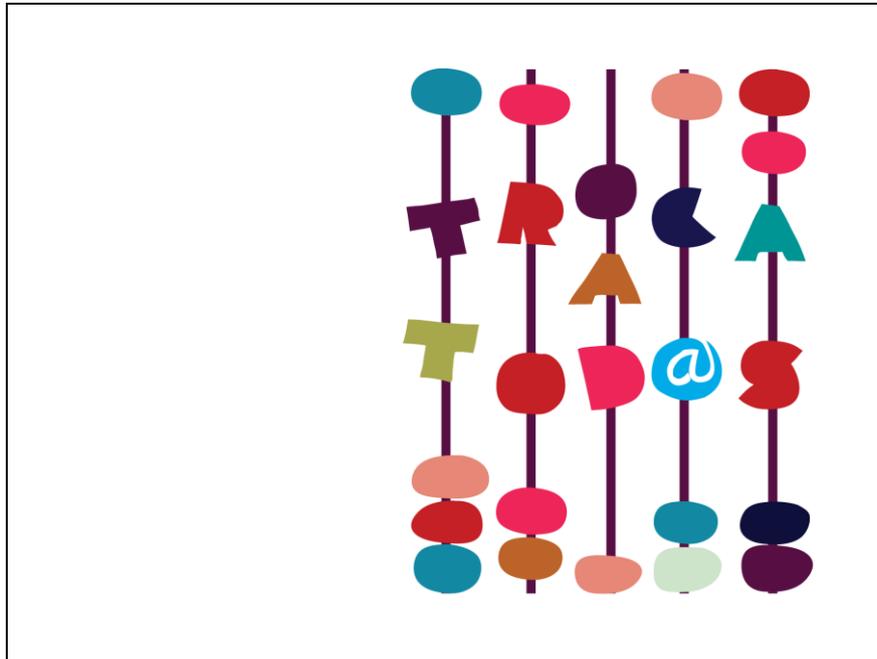
# !DEARIA

## Redes

Fórum Jovens IDEARIA

Rede Territorial Para o Emprego Jovem





### OBJECTIVOS

Estimular formas de consumo solidário e alternativo à massificação

Dinamizar a economia local e os produtos de proximidade

Valorizar as pessoas e os seus saberes.

Criar laços de amizade e de entreaajuda

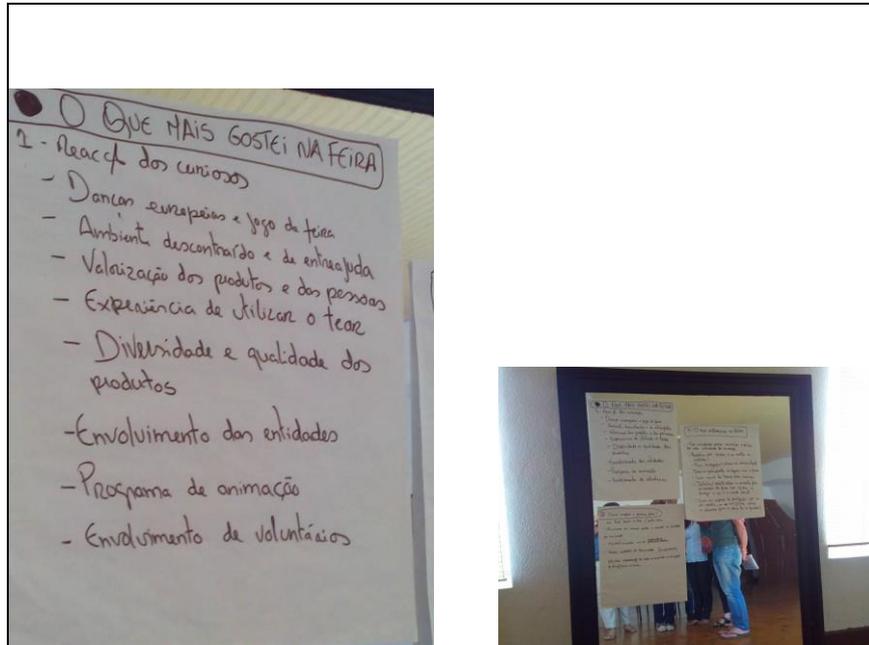


### COMO FUNCIONA

Na Feira de Trocas as pessoas podem trocar entre si produtos ou serviços de modo directo (produto ou serviço por produto ou serviço) ou com a mediação da moeda social. O TEAR é a moeda social que circulará na feira.

Só será possível fazer transacções em TEARES ou por troca directa. Um TEAR equivale a 1 € e existem "moedas" de 1 e de 5 TEARES. As pessoas interessadas em adquirir produtos ou serviços devem dirigir-se ao Banco Social que se encontra na feira e trocar euros por TEARES. Os TEARES são válidos até ao encerramento da feira.





### PARCERIA

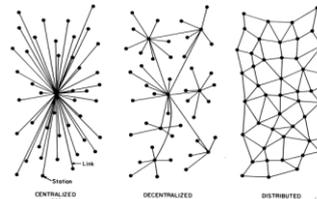
CooLabora // Covilhã em Transição // Teatro das Beiras

#### Que se foi alargando...

Ananda Marga // Banda da Covilhã // Câmara Municipal da Covilhã  
 LAPA // Universidade da Beira Interior

...

AERO UBI // Conservatório de Música da Covilhã // Quero Saber+ E5G  
 Black Raven // Moki Healthy Food // Museu dos Lanifícios da UBI





### IMPORTÂNCIA DAS EXPERIÊNCIAS LOCAIS

Responder aos desafios do “concreto” sem prescindir da utopia

Testar soluções alternativas, abrir brechas no sistema

Provar que outras soluções são possíveis, que outro mundo é possível.

*Cada realidade contém muitas outras dentro de si, que querem nascer.*

E. Galeano

[www.coolabora.pt](http://www.coolabora.pt)



Projeto Okupenda dos Leigos para o Desenvolvimento, em Benguela – Ana Rial





# PROJECTO COMUNITÁRIO DE MISSÃO

## Missão de BENGUELA

### 1. NOTA INTRODUTÓRIA - O QUE É O PCM?

O PCM - Projeto Comunitário de Missão - é a expressão visível da missão dos Leigos para o Desenvolvimento no terreno. É a forma como se traduz a missão comunitária de serviço aos países em vias de desenvolvimento de forma a promover o desenvolvimento integral das pessoas com quem trabalhamos.

O PCM pretende ser um instrumento facilitador do Ser LD, para cada um de nós em Missão. Ele indica-nos qual o projeto do corpo LD, não numa forma de projeto individualizado, mas antes num único projeto comunitário, que depois se exprime de uma forma individual no trabalho diário de cada voluntário.

Este documento, pretende também ser um enquadramento geral para a nossa atuação no terreno. O PCM deve estar presente num quadro de reflexão comunitária da missão - seja localmente, como ao nível das reflexões com a Direção e Equipa Executiva em Lisboa.

### 2. PCM DA MISSÃO DE BENGUELA 2012-20123!

O PCM da Missão de Benguela traduz-se numa intervenção focada sobretudo no desenvolvimento comunitário da Comunidade do Bairro da Graça.

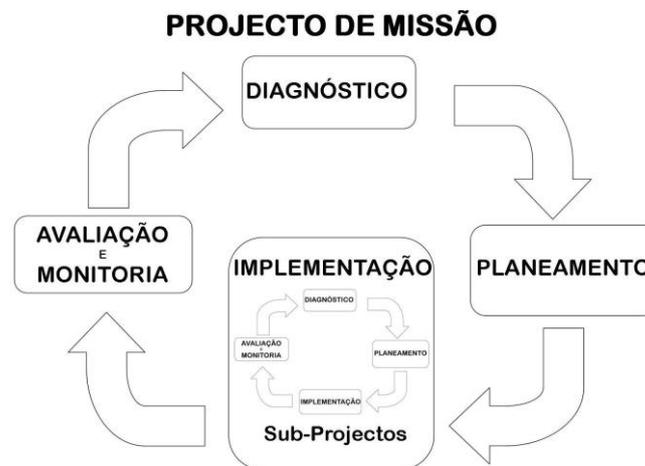
1. Grupo Comunitário
2. Centro Juvenil da Graça
  - a. Biblioteca de leitura e de estudo
  - b. Centro de formação - Informática, Inglês, Contabilidade, etc.
  - c. Mobilização Juvenil e Dinamização cívica e cultural



- d. GAIVA - Gabinete de Apoio à Inserção na Vida Activa
- 3. Projecto de *Empowerment* das mulheres
- 4. Espaço Criança
- 5. Projecto Saúde
- 6. Diagnóstico de necessidades - Província de Benguela
- 7. Pastoral



### 3. OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS DA MISSÃO



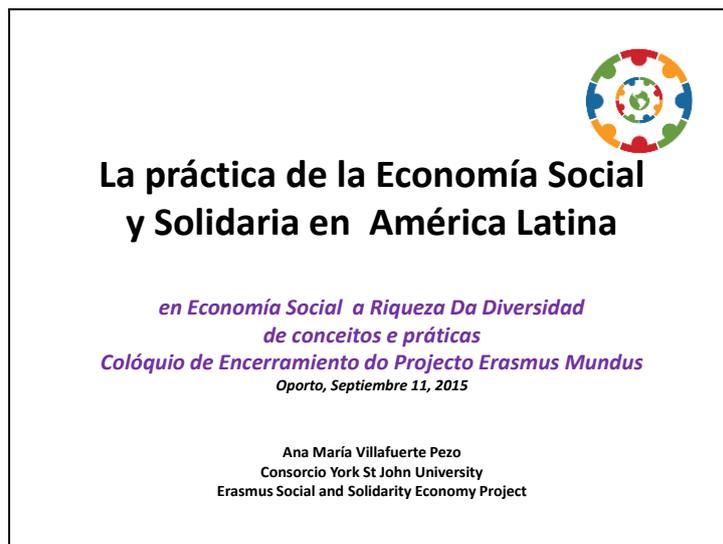
Tendo em conta a história da missão, o ciclo de projeto e, tendo por base os valores LD, os objetivos estratégicos da Missão de Benguela são os seguintes:

- Consolidar o papel do Grupo Comunitário da Graça enquanto fórum de partilha e debate, promotor do trabalho em rede e da conjugação de esforços dos agentes de desenvolvimento do Bairro da Graça;
- Implementar de forma consistente projetos integrados de desenvolvimento de competências pessoais, relacionais e técnicas de jovens e mulheres, com vista à promoção da sua empregabilidade e/ou à criação/requalificação de atividades geradoras de rendimento, criando um modelo local de implementação e acompanhamento de empreendimentos socioeconómicos;
- Estruturar a resposta de complemento educativo para crianças – Espaço Criança - através do aprofundamento de parcerias, da construção de um novo equipamento e da definição de um modelo educativo que integre as dimensões artísticas e desportivas;



- Recolher informação-chave que possibilite decidir o posicionamento estratégico dos LD na província de Benguela, definindo o ciclo de presença no Bairro da Graça e a pertinência de iniciar (ou não) uma intervenção na zona envolvente do Lobito ou em zonas interiores da Província de Benguela;
- Passar de forma definitiva a gestão e a coordenação do Centro Juvenil da Graça para a responsabilidade autónoma do parceiro local.

América Latina: exemplo do projeto Yaqua – Ana María Villafuerte





## El contexto

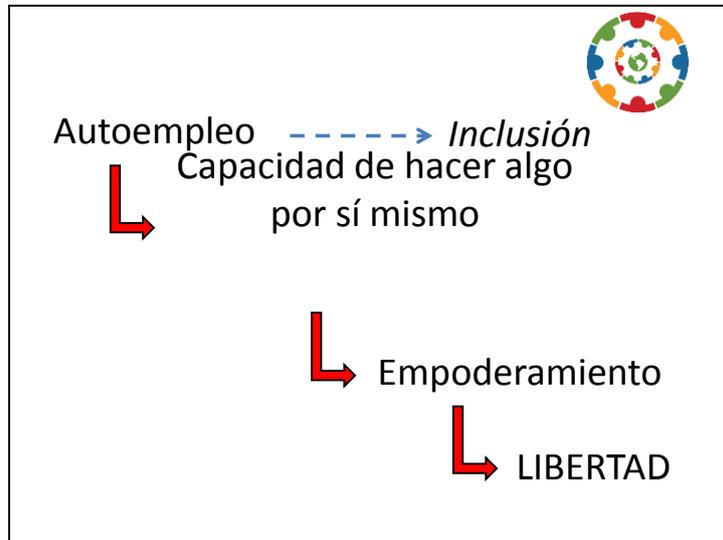


- Crisis económica fines años 70 del S. XX
- Globalización, caracterizada por la competencia desigual y las contradicciones socioculturales con resultados de mayor diferenciación entre territorios y grupos sociales ricos y pobres.
- Vacío de Estado en cuanto a su rol subsidiario en los años 80 → **proliferación de ONGs.**
- Reducción del financiamiento a ONG's en año 2000 → **autogestión y acción colectiva**



Ahora transición hacia empresas sociales  
sobre todo por necesidad de  
autosostenibilidad y autofinanciamiento

Rol fundamental de emprendedores



Además:  
La **alteridad** como la base de la vida en sociedad.  
La voluntad de entendimiento y diálogo entre yo y mi alter yo y la otredad porque:  
- sin el otro, el yo no existe (perspectiva social).  
- sin la Otredad, desaparece el contexto donde el hombre puede vivir (perspectiva ambiental)  
Entonces **empreendedores sociales**.



## CASO PRÁCTICO

### Problema

Casi 8 millones de peruanos no tiene acceso a agua potable 

13 millones no tiene acceso a saneamiento.

Cada año mueren 3,600 niños por tomar agua no apta para el consumo humano.

32 de cada 100 niños menores de 5 años sufren de desnutrición crónica.

12 de cada 100 padecen enfermedades diarreicas.

Mujeres y niños tienen que caminar 3 km diario por agua



**Oportunidad:** el mercado de agua embotellada crece a un ritmo de 20% al año.



**YAQUA**

8 MILLONES DE PERUANOS SIN AGUA

8 MILLONES DE RAZONES PARA TOMAR YAQUA

**¡Bienvenido a Yaqua!**  
Somos una empresa social que brinda la oportunidad de cambiar miles de vidas de la manera más fácil.



### **Visión.**

"En el 2050, todos los peruanos contarán con acceso a agua limpia y saneamiento".



### **Misión.**

"Transformar el consumo de agua embotellada en una corriente de cambio y solidaridad.

### **Un poco de historia: 2013...**

#### **Estrategia:**

"Hemos diseñado una estructura híbrida que permite el funcionamiento de YAQUA como empresa social.



Es una marca de la empresa UMA VIDA S.A.C. que pertenece en un 99.8% a la Asociación Bien Por Bien, creada por los mismos socios fundadores de YAQUA, con el fin de garantizar el objetivo social de proveer acceso a agua limpia a quienes más lo necesitan"

El restante 0.2% pertenece a sus dos co-fundadores, para cumplir con el requisito de las sociedades anónimas cerradas que requieren de al menos dos socios de acuerdo a la legislación peruana.

Los co-fundadores han firmado un convenio para destinar ese 0.2% a la Asociación Bien por Bien.



## Estrategia



- Buscar alianzas.
- Usar medios sociales virtuales

“A diferencia de la competencia, nosotros no podemos darnos el lujo de desperdiciar millones de soles en publicidad por canales masivos. YAQUA se mueve a través de las redes sociales. Ayúdanos a pasar la voz a más personas acerca de cómo ayudar puede ser tan fácil como tomar agua.”



tu sed se quita ayudando

Al comprar y tomar YAQUA le estás ofreciendo 8 días de agua limpia a una persona en condiciones de pobreza”.



La idea no es pedir partidas, ni donaciones, ni regalos. Comprando una botella de 500 ml de YAQUA estás dando 8 días de agua potable a una persona. Así de simple.”



Devolvemos el agua que nos presta la naturaleza



- En YAQUA, se postula **la teoría del cambio** en tres etapas: 
- **la primera** se refiere a la compra de un producto de YAQUA;
- **la segunda** tiene que ver con la concientización del consumidor respecto a los problemas de acceso a agua potable que aquejan a buena parte del Perú
- **la tercera** se vincula con las acciones que pueden transformar esa realidad

- **Referencia.** <http://YAQUA.pe/> 
- **Manual Consorcio Economía Social y Solidaria**  
Capítulo 5: TIC Medios sociales – Caso práctico

[Contáctanos](#) [Blog](#)





## Laboratório do Erro - Ana Rial e Inês Vouga (InComunidade)



**incomunidade**  
COOPERATIVA DE SOLIDARIEDADE SOCIAL, CRL

Uma Cooperativa de Solidariedade Social, sem fins lucrativos, que desenvolve projectos sociais que promovam os direitos humanos e contribuam para a criação de comunidades mais solidárias e inclusivas

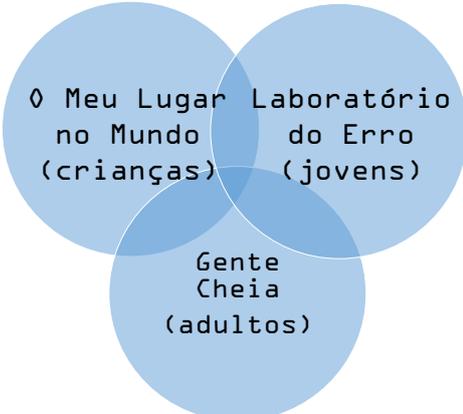


**incomunidade**  
COOPERATIVA DE SOLIDARIEDADE SOCIAL, CRL

**Projectos no Bonfim - Porto**



## Resposta Integrada



◊ Meu Lugar no Mundo (crianças)    Laboratório do Erro (jovens)

Gente Cheia (adultos)



### Projecto Laboratório do Erro

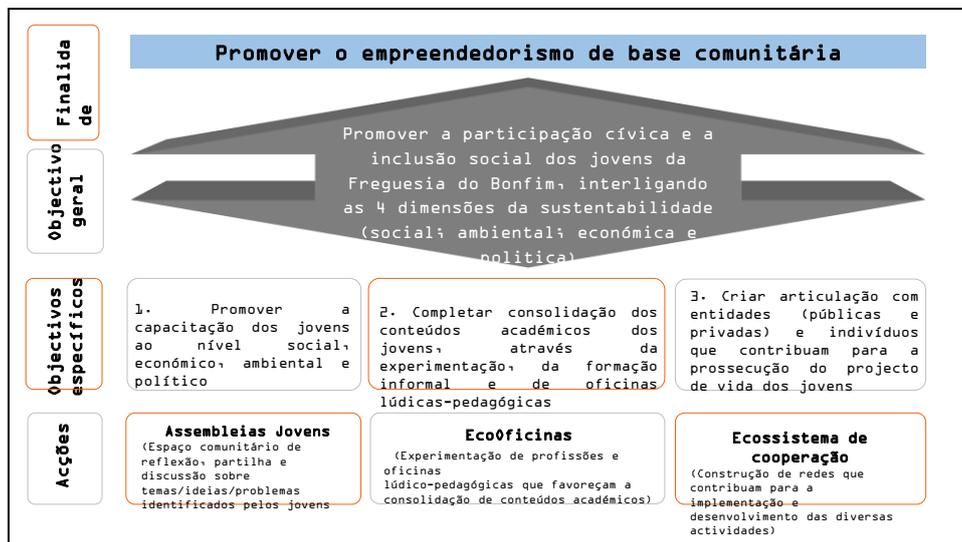
Projecto de apoio ao empreendedorismo de base comunitária na freguesia do Bonfim

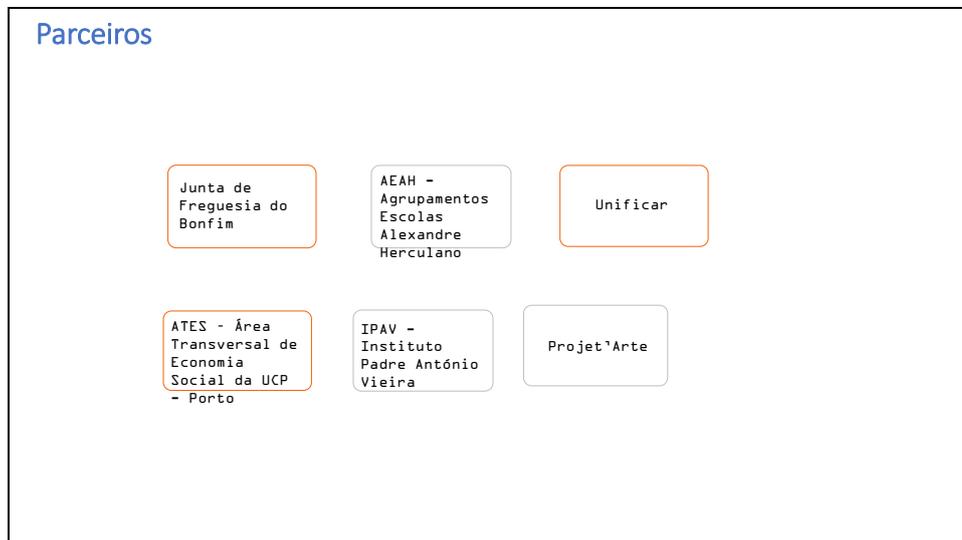


Laboratório do Erro é um espaço de encontro para jovens, com o objectivo de:

- Debater temas/problemas/ideias de interesse comum
- Reflectir conjuntamente
- Promover decisões consensuais
- Realizar acções de experimentações

Este espaço, de organização horizontal, centra a sua actuação, por um lado, na capacitação e na promoção da participação cívica dos jovens interligando as 4 dimensões da sustentabilidade - social; ambiental; económica e política, e por outro, na consolidação dos conteúdos académicos dos jovens, através da experimentação, da formação informal e de oficinas lúdicas-pedagógicas. Pretende-se ainda criar articulação com entidades (públicas e privadas) e indivíduos que contribuam para a prossecução do projecto de vida dos jovens.







[www.incomunidade.org](http://www.incomunidade.org)  
<https://www.facebook.com/InComunidade>  
914426936  
[geral@incomunidade.org](mailto:geral@incomunidade.org)





### AS ACTIVIDADES

A COAJQ presta serviços à comunidade, que passam pelo aluguer de máquinas agrícolas, pelo transporte e armazenamento de produtos agrícolas e pela formação e assistência técnica.

Gere uma rádio e uma televisão comunitárias, cuja função é a divulgação de informação e sensibilização das comunidades. Coordena projectos em áreas como o desenvolvimento agrícola, o associativismo e a segurança alimentar e procede à transformação de uma variedade gama de produtos agrícolas, comercializando depois o produto final, que vai desde o vinagre de lima ao óleo de palma, passando pelos sumos de caju e de manga.

### OS OBJETIVOS

Os objectivos da COAJQ são contribuir, progressivamente, para uma agricultura rentável, diversificada e sustentável, que corresponda às necessidades da população e do país.

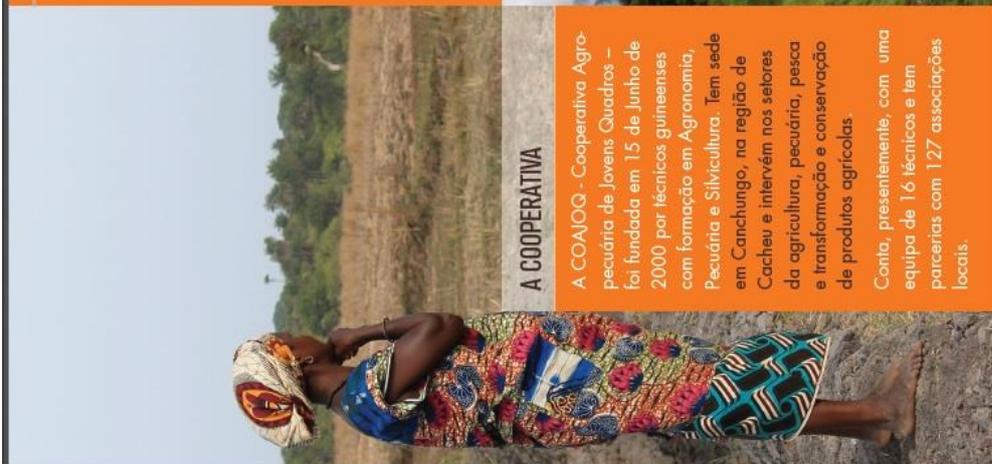
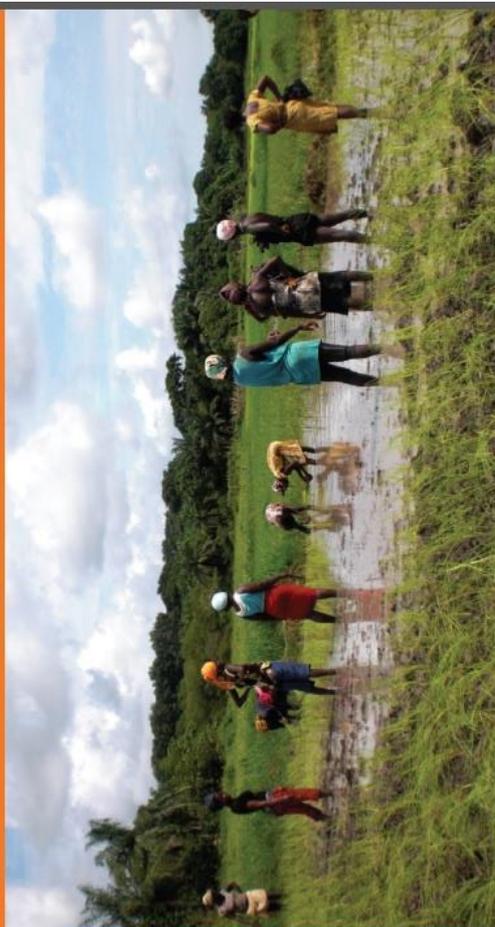
Pretende-se, assim, fomentar o aumento da produtividade agrícola e a melhoria dos hábitos alimentares da população, sempre em articulação com a preservação das características ambientais e culturais da região.

“ A nossa estratégia passa pelo fortalecimento da agricultura tradicional e familiar e a promoção da solidariedade coletiva”

### A COOPERATIVA

A COAJQ - Cooperativa Agropecuária de Jovens Quadras - foi fundada em 15 de Junho de 2000 por técnicos guineenses com formação em Agronomia, Pecuária e Silvicultura. Tem sede em Canchungo, na região de Cacheu e intervém nos setores da agricultura, pecuária, pesca e transformação e conservação de produtos agrícolas.

Conta, presentemente, com uma equipa de 16 técnicos e tem parcerias com 127 associações locais.





## ENCERRAMENTO DO DIA

Por Miguel Silva (CEAUP) e Américo Mendes (ATES – UCP Porto)

### O EMPREENDEDORISMO SOCIAL COMO PROCESSO DE BASE COMUNITÁRIA:

#### 12 IDEIAS CHAVE

### 1. SOLIDARIEDADE

Um processo de empreendedorismo social deve ter como finalidade promover relações mais solidárias dos seres humanos entre si e com o meio ambiente em que vivem.

Isto significa promover mais e melhor **cooperação**, mais e melhor **coordenação**, mais e melhores formas de **resolução pacífica de conflitos** e mais e melhores **relações interpessoais** de maneira a prevenir, ou a combater situações de **exclusão** ou de **desigualdade social**.

### 2. COMUNIDADE

Tendo os processos de empreendedorismo social a finalidade atrás referida, a sua base deverá ser de natureza comunitária. Concretizando:

- é na comunidade que está a **origem das necessidades** a que esses processos devem responder;
- é na comunidade que estão **as pessoas e as organizações que devem participar ativamente** na identificação dessas necessidades e das respetivas soluções;
- também é na comunidade que devem ser procurados **recursos** que devem ser mobilizados e valorizados para construir essas soluções;
- por tudo isto este tipo de empreendedorismo é um processo de **organização da ação coletiva** para responder a problemas de natureza também coletiva.

### 3. ALTERIDADE

A promoção de relações sociais mais solidárias exige uma permanente **atenção ao outro**:



- permanente atenção às necessidades da comunidade;
- permanente preocupação em promover a participação das pessoas e DAS organizações que devem ser os protagonistas principais destes processos;
- permanente atenção aos recursos que essas pessoas e organizações são capazes de mobilizar e valorizar.

#### 4. DEMOCRATICIDADE

Em tudo o que atrás ficou dito está bem patente a grande importância de **metodologias de natureza participativa** nos processos de empreendedorismo social, desde a identificação das necessidades a que devem responder e depois ao longo de todo o processo, incluindo a avaliação do próprio processo.

#### 5. HUMILDADE

Também decorre do que ficou dito a grande importância de uma atitude de humildade por parte de todos os participantes neste tipo de processo no sentido de nenhum deles procurar **instrumentalizar** o processo num sentido de benefício próprio de tipo egoísta, seja esse benefício de natureza financeira, de busca de protagonismo pessoal ou institucional, ganhos de política partidária, ou outras formas de instrumentalização.

#### 6. RECIPROCIDADE

O que atrás foi referido não significa que não haja uma legítima busca de benefícios por parte das pessoas e organizações envolvidas em processos de empreendedorismo social. O que se quer dizer é que isso deve ser feito numa lógica de **reciprocidade simbólica**: cada pessoa e cada organização contribui para o processo com os recursos de que pode dispor e numa atitude de ajudar a conseguir objetivos comuns, na expectativa, que é preciso fazer com que se concretize, de que todos se irão comportar desta forma.

Assim sendo, o que acabará por acontecer não será a reciprocidade material da troca mercantil onde só há transação depois de uma negociação e de acordo prévio do qual ficarão excluídos os que não tiverem recursos para entrar nesse acordo.



## 7. RESPONSABILIDADE

Também resulta do que atrás ficou dito que num processo de empreendedorismo social assim construído tem que haver sentido de responsabilidade social **em todas as partes interessadas**, sejam elas organizações de economia social, entidades públicas ou empresas com fins lucrativos.

Mesmo que as iniciativas empresariais a promover não sejam diretamente nas áreas da ação social, a preocupação solidária devem estar bem presente em todas elas.

Por isso, os processos de empreendedorismo social não deve ser só algo que responsabiliza as organizações de economia social, ou as entidades públicas com competências nesta área. Todos devem ser chamados à responsabilidade nesta matéria e todos devem prestar contas dos recursos que utilizam para isso e do que fazem com eles.

## 8. TRANSVERSALIDADE

Mais outra consequência do que já foi dito é que os processos de empreendedorismo social devem convocar organizações, competências e saberes de **vários domínios** que seja necessário **integrar** para responder eficazmente às necessidades em questão.

## 9. UNIVERSIDADE

Sem prejuízo da natureza imprescindível das competências e saberes existentes na comunidade, incluindo os que, por vezes, são apelidados de “tradicionais”, as instituições de ensino superior e investigação devem assumir um papel muito ativo nos processos de empreendedorismo, estando presentes **no terreno** para servir os participantes neste processo com aquilo que lhes é próprio fazer, ou seja, a formação superior, a investigação e a avaliação, devendo todas estas atividades ser desenhadas e realizadas com base na resposta às necessidades da comunidade e destes processos que lhes procuram responder.

## 10. CRIATIVIDADE



Essa formação, investigação e avaliação que as instituições de ensino superior devem promover pode ser um espaço de emergência da inovação que é precisa nestes processos, mas não pode, nem deve ser o único a fazê-lo.

Se os processos de empreendedorismo social forem conduzidos da forma aqui preconizada, então é toda a comunidade que se constituirá como “**comunidade empreendedora**” donde brotarão de vários lados ideias inovadoras e formas de as concretizar.

## 11. IDENTIDADE

Resulta ainda de tudo o que já foi dito que a identidade social da comunidade pode e deve ser um **recurso** muito importante para a organizar como “comunidade empreendedora” e que este tipo de processos de empreendedorismo contribuirá para reforçar essa identidade num sentido solidário e não num sentido de fechamento xenófobo.

## 12. SUSTENTABILIDADE

Se os processos de empreendedorismo social forem conduzidos da forma aqui preconizados estarão menos sujeitos à morte pois contribuirão para a sustentabilidade **social e ambiental** e para a **boa governação** das organizações e da *polis*, conseguindo também reunir a diversidade de recursos (contribuições voluntárias privadas de pessoas e organizações, financiamentos públicos) necessários para assegurar a sua sustentabilidade **económica**.

*(Notas redigidas por Américo Mendes, Coordenador da ATES – Área Transversal de Economia Social do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, como reflexões conclusivas do Colóquio de encerramento do Projeto Erasmus Mundus “Promover os Estudos e as Práticas de Economia Social e de Capital Social no Ensino Superior” sobre o tema da “Economia Social: a riqueza da diversidade Conceitos e Práticas”, realizado nesse Centro Regional nos dias 10 e 11 de Setembro de 2015)*



## AVALIAÇÃO DO ENCONTRO

Realizada através de um inquérito *online* enviado aos 48 participantes através do correio eletrónico. Obtiveram-se 19 respostas.

Apresentam-se os resumos dos resultados obtidos.

### O Colóquio correspondeu às suas expetativas?

De 1 a 5, sendo 1 o mínimo e 5 o máximo

1 – 0

2 – 0

3 – 5 (25%)

4 – 9 (45%)

5 – 6 (30%)

Em relação ao programa, avalio a qualidade de cada uma das partes da seguinte maneira:

### Mesa Redonda 1 – Conceitos

De 1 a 5, sendo 1 o mínimo e 5 o máximo

1 – 0

2 – 1 (5%)

3 – 5 (25%)

4 – 8 (40%)

5 – 6 (30%)

### Mesa Redonda 2 – Práticas

De 1 a 5, sendo 1 o mínimo e 5 o máximo

1 – 0

2 – 1 (5%)



3 – 8 (40%)

4 – 8 (40%)

5 – 3 (15%)

### Debates

De 1 a 5, sendo 1 o mínimo e 5 o máximo

1 – 0

2 – 0

3 – 7 (35%)

4 – 11 (55%)

5 – 2 (10%)

### Empreendedorismo social de base comunitária

De 1 a 5, sendo 1 o mínimo e 5 o máximo

1 – 0

2 – 2 (10%)

3 – 5 (25%)

4 – 8 (40%)

5 – 5 (25%)

### Apresentação do Manual realizado no âmbito do projeto

De 1 a 5, sendo 1 o mínimo e 5 o máximo

1 – 0

2 – 1 (5%)

3 – 4 (20%)

4 – 9 (45%)

5 – 6 (30%)



## Avaliação Geral

### O que mais gostou no Colóquio?

A perspetiva teórica mobilizada

A diversidade dos convidados, os temas e a forma como foram abordados

Conhecer outras experiências no âmbito do empreendedorismo de base comunitária e debate de conceitos.

Da apresentação de casos práticos de Economia Social.

A opção pelo comércio justo e a apresentação de projetos. Os comunicadores.

A diversidade dos intervenientes

A informalidade entre participantes e o tema em discussão.

Testemunhos de outras realidades

A apresentação conceptual do mesmo (parte da manhã)

Da apresentação dos estudos de caso e do manual.

Da diversidade de perspetivas que trouxe, nomeadamente dos diferentes continentes e da diferente utilização de conceitos.

A participação do Atelier Mar

A informalidade dos oradores, da parte da manhã.

O painel de oradores e o ambiente acolhedor do Colóquio.

A oportunidade de consolidar alguns conceitos sobre SSE e de poder ver exemplos práticos de como a SSE pode ser aplicada no mundo real

Dos momentos de debate, permitiu discutir e analisar aspetos importantes para além das diferentes intervenções existentes

Foi especialmente interessante a partilha de diferentes realidades, contextos, problemas e formas de os abordar. Tenho de dar destaque às partilhas provenientes do Perú, Guiné e Cabo Verde. As mesas redondas/debates sobre conceitos de Economia Social fizeram-me fazer uma reflexão mais profunda sobre esta área. Fiquei especialmente interessado na realização do manual por parte do consórcio, ao qual teria todo o gosto em dar a minha, ainda que pequena contribuição.

### O que gostaria de ver alterado no Colóquio?

Apenas estive presente no 1º dia, sendo que não tenho informação toral para responder a esta questão. Relativamente ao 1º dia, não alteraria nada.



A parte da tarde deveria ser mais dinâmica.

A participação, que penso ter sido muito reduzida.

Os conceitos não ficaram muito claros; nomeadamente, a diferença (se houver diferença) entre economia social e economia solidária.

Maior clareza e realismo, quer a nível económico, quer contabilístico.

Teria dividido o colóquio em duas fases: 1- comunicações tipo seminário e outra parte com workshops temáticos curtos e rotativos para dar mais dinamismo à partilha de boas práticas e debates.

Acho que o espaço destinado a debate foi muito positivo, mas ainda assim acho que podia ter havido mais organização e uma dinâmica diferente de partilha. Melhor dizendo, penso que teria sido muito positivo se tivesse havido mais partilhas quanto à experiência pessoal como empreendedores sociais ou similar dos participantes.

Maior organização dos momentos da parte da tarde. Não devem ser retirados do colóquio, mas devem ser mais bem escolhidos e organizados.

A minha expectativa face ao Colóquio ia no sentido de conhecer mais práticas de economia solidária e isso acabou por não acontecer. Para além disso, gostaria de ter alguns momentos de trabalhos ou grupos de discussão mais pequenos, nos quais se pudesse ter o contacto direto entre participantes diferentes. Teria sido interessante, em algum momento, se ter estabelecido uma ponte com as questões da Cidadania Global.

Mais pragmático: com mais discussões e estudo prático de situações reais

A sala não tinha janelas :S . De resto foi bom: o programa fluiu bastante bem, não se sentiu o tempo passar.

Talvez uma pausa de 5 a 7 minutos na sessão da tarde.

Alguns momentos foram longos e pouco objetivos, mas creio ser difícil ter controlo sobre isto

Compreendo que não seja viável, mas era interessante o almoço solidário! :)

### Este Colóquio marcou-o ou marcou-a porque...

Especialmente pelo ambiente acolhedor e algumas apresentações dos oradores que claramente respiram Economia Social e a transmissão da mensagem é captada pelo participante (eu neste caso) de uma maneira mais eficaz.

Me fez encontrar parceiros e refletir sobre a articulação possível com os mesmos

Pela sensibilidade dos temas

Foi informativo porque não é um tema que eu domine. Nesse aspeto foi muito positivo!



Permitiu mais uma vez perceber a diversidade de práticas e de visões sobre Economia Social. Foi uma fonte viva e valiosa de conhecimento, proporcionou-me uma maior abertura quanto a abordagens a problemas sociais.

Pela diversidade de perspetivas sobre economia solidária e social em discussão e sobretudo pela prevalência de alguns entendimentos paternalistas de solidariedade.

Marcou-me, na medida em que contribuiu para perceber que, em muitos casos, não é preciso ter muitos meios financeiros para promover o empreendedorismo de base comunitária, como foi o caso da excelente experiência que nos trouxeram da ilha de Santo Antão em Cabo Verde.

Pelo tema e pela sua relevância

Marcou-me a globalidade das dificuldades apresentadas

Não marcou.

Pelas abordagens de cada convidado de países estrangeiros.

Se tornou uma nova forma de ver a Economia e foi uma maneira de tomar conhecimento sobre uma temática que é inovadora e pouco conhecida.

É um assunto fundamental para a atualidade; trouxe, de facto, a riqueza da diversidade

Saí muito mais esclarecido sobre o tema e sinto-me agora mais apto para debater os pontos fracos e fortes sobre este modelo económico.